

**UNIVERSIDADE RURAL FEDERAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

SIMONE MARIA BEZERRA

**ESCREVIVÊNCIA: ESCRITA, IDENTIDADE E O EU FEMININO NEGRO EM
PONCIÁ VICÊNCIO DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

SERRA TALHADA

2019

SIMONE MARIA BEZERRA

**ESCREVIVÊNCIA: ESCRITA, IDENTIDADE E O EU FEMININO NEGRO EM
PONCIÁ VICÊNCIO DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura
Plena em Letras da Universidade
Federal Rural de Pernambuco, na
Unidade Acadêmica de Serra Talhada
como requisito parcial para obtenção
do grau de Graduação em Letras.
Orientadora: Prof^a Dr^a Maria do
Socorro Pereira de Almeida.**

SERRA TALHADA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca da UAST, Serra Talhada - PE, Brasil.

B574e Bezerra, Simone Maria

Escrevivência: escrita, identidade e o eu feminino negro em
Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo / Simone Maria Bezerra. –
Serra Talhada, 2019.

83 f.: il.

Orientadora: Maria do Socorro Pereira de Almeida

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura
em Letras) – Universidade Federal Rural de Pernambuco. Unidade
Acadêmica de Serra Talhada, 2019.

Inclui referências e anexos.

1. Escritoras negras. 2. Negras na literatura. 3. Negras. I.
Almeida, Maria do Socorro Pereira de, orient. II. Título.

CDD 400

**ESCREVIVÊNCIA: ESCRITA, IDENTIDADE E O EU FEMININO NEGRO EM
PONCIÁ VICÊNCIO DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

**Monografia apresentada ao
Curso de Graduação como Trabalho
de Conclusão do Curso de
Licenciatura Plena em Letras, da
Unidade Acadêmica de Serra Talhada,
Universidade Federal Rural de
Pernambuco.**

**Professora Orientadora: Dr^a. Maria
Socorro Pereira de Almeida.**

Aprovada em: ___/___/___.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a. Maria do Socorro Pereira de Almeida
Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Serra Talhada
Orientadora

Prof. Dr. Rogério Fernandes dos Santos
UFRPE/UAST - 1º examinador

Prof^a Dr^a Valquiria Cavalcanti de Moura
UFRPE/UAST - 2º examinador

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a todas as vozes mulheres negras silenciadas e a toda memória apagada.

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo e de todos, agradeço a meu bom e eterno Deus, pois por ele tudo isso se fez possível. Aos meus pais, a minha mãe Sila que com sua sabedoria e fé me fez suportar e esperar o tempo de Deus na minha vida. Ao meu Pai, José, que sempre acreditou na minha capacidade e sempre foi meu maior fã, demorou pai mas consegui. Aos meus filhos, Sara, Susana e Salatiel, por sempre acreditarem em mim e sempre me animarem quando estava triste e por sempre me dizerem “mãe a senhora é um máximo, a senhora vai conseguir”, mesmo eu sabendo que não tinha nada de máximo kkkk acreditei e prossegui, por vocês e para vocês suportei esses quase cinco anos de quatro horas de viagem diárias em um ônibus duro, suportei o sono, cansaço, desconforto muitas vezes fome, por vislumbrar que, no fim dessa luta, poderia lhes proporcionar mais chances que as eu tive. Agradeço a eles também por entenderem e perdoarem minha ausência durante esses quase cinco anos e cada “mãe precisa de algo, quer uma água ou café”, tenham certeza que cada demonstração de carinho ficou gravado no meu peito. Ao meu maridão, Sérgio, por todo apoio durante todo esse tempo, por cada noite de sono mal dormida por me esperar na parada do ônibus à meia noite, a toda palavra de apoio e incentivo, por entender a minha ausência e acreditar na minha vitória. Aos meus irmãos Sirleide, Sircleide e Jerry por confiar em minha capacidade, principalmente a minha irmã Sirleide por sempre me incentivar e tentar me ajudar sempre que pode. Ao meu cunhado, Adriano, por colaborar sempre que precisei de um toque artístico nessa minha jornada acadêmica. A minha orientadora por toda paciência e grandes ensinamentos, sempre me guiando nos caminhos das pedras, não podia ter escolhido melhor, meu muito obrigada Mestra. A todas as minhas colegas que se tornaram uma família extra para mim, pelos risos na hora do desespero, na divisão dos momentos bons e ruins, agradeço principalmente a minha amiga Emanoela Carolaine, sempre pronta ajudar, obrigada pelo apoio Manu. A todos que dedicaram um minuto de sua oração em meu favor sempre que pedi, quando vi que as forças estavam chegando ao fim. A todos que choraram e sorriram comigo, que sentiram minhas vitórias como sendo suas também. A todos os grandes mestres que passaram na minha vida acadêmica com gosto de quero mais, que despertaram

esse sonho docente em meu ser, de fazer parte de alguma maneira da construção de um dia melhor nesse país que só é viável através da educação.

O amanhã de Ponciá era feito de esquecimento. Em tempos outros, havia sonhado tanto! Quando mais nova, sonhara até um outro nome para si. Não gostava daquele que lhe deram. Menina, tinha o hábito de ir à beira do rio e lá, se mirando nas águas, gritava o próprio nome: Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio!

(Conceição Evaristo, 2017, p.18)

RESUMO

ESCREVIVÊNCIA: ESCRITA, IDENTIDADE NO EU FEMININO NEGRO NO ROMANCE PONCIÁ VICÊNCIO DE CONCEIÇÃO EVARISTO.

Este trabalho tem como objetivo analisar como se dá a construção do eu feminino negro no romance Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo, através do conceito de Escrivivência e de identidade. A autora, ao trazer como protagonista a mulher negra, a empodera de voz e vez, quebrando as correntes da subalternidade que silencia a mulher e o povo negro ao longo dos séculos, dando a eles o direito de se autorrepresentar. Para atingir os objetivos propostos partiremos das reflexões apresentadas por alguns estudiosos dos temas em questão, a exemplo de Mirian Alves, Djamila Ribeiro, Stuart Hall, Ana Rita Santiago, Nei Lopes e entre outros. A mulher negra nessa obra deixa de ser representada e passa a se autorrepresentar, contando e recontando suas histórias através de suas próprias vivências, mostrando uma visão de dentro para fora no que diz respeito aos medos, sonhos e a vida de uma protagonista mulher e negra. A “escrevivência” de Conceição Evaristo é impregnada de sua condição de mulher negra na sociedade brasileira, que infelizmente ainda é uma sociedade em parte misógina e racista. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico e para elaboração, traçamos um caminho com quatro capítulos. O primeiro busca conhecer melhor sobre a escrita de autoras negras no Brasil, o segundo traz um breviário sobre a obra da autora no intuito de saber mais sobre o estilo e a estética da mesma. Depois buscamos discutir algumas questões sobre ancestralidade e identidade bem como algumas perspectivas do eu feminino negro na obra. Ao longo do estudo foi possível perceber que Evaristo quebra as lentes impostas por quem fala de um gênero ou de uma etnia sem vivência ou conhecimento de causa e oferece voz a mulher negra silenciada há gerações pelo patriarcalismo e pelo preconceito racial, para que ela mesma conte sua própria história e sentimentos através de sua Escrivivência.

Palavra-chave: Escrivivência, identidade, mulher negra, literatura feminina negra.

ABSTRACT

Personal Narrative: Writing, Identity in the Female Black Woman in the Novel
Ponciá Vivêncio of Conceição Evaristo

This work has the goal to analyze how the construction of the black female self in the novel Ponciá Vicêncio, by Conceição Evaristo, through the concept of personal narrative and identity. When the writer puts the black woman as the protagonist makes her voice and opportunity empowers, breaking the chains of subalternity that silence the woman and the black people over the centuries, giving them the right to self-represent. In order to reach the proposed objectives we will start from the reflections presented by some researchers of the subjects in question, for example Mirian Alves, Djamilia Ribeiro, Stuart Hall, Ana Rita Santiago, Nei Lopes and others. The black woman in this book stops being represented and begins to self-represent, telling and recounting their stories through their own experiences, showing a vision from the inside out with respect to the fears, dreams and life of a protagonist and black woman. The "personal narrative" of Conceição Evaristo is impregnated with her status as a black woman in Brazilian society, that unfortunately is still a part misogynist and racist society. It is a bibliographical research and for elaboration, we draw a path with four chapters. The first seeks to know more about the writing of black writers in Brazil, the second brings a breviary about the writer's work in order to know more about her style and aesthetics. Then we discussed some questions about ancestry and identity as well as some perspectives of the black female self in this book. Throughout the study it was possible to perceive that Evaristo breaks the lenses imposed by those who speak of a gender or an ethnic group without experience or knowledge of cause and offers voice to black woman silenced for generations by the patriarchalism and the racial prejudice, so that she tells her own story and feelings through her personal narrative.

Key-Words: Personal-Narrative, Identity, Black Woman, Black-Female-Literature.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:.....	18
Figura 2:.....	18
Figura 3:.....	19
Figura 4:.....	19
Figura 5:.....	20
Figura 6:	20
Figura 7:	25

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 A LITERATURA DE ESCRITA FEMININA E NEGRA NO BRASIL, ALGUMAS PONDERAÇÕES.....	15
3 ESCREVIVÊNCIA, CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTILO E A ESTÉTICA DE CONCEIÇÃO EVARISTO.....	25
3.1 Conhecendo a obra.....	35
4 ANCESTRALIDADE: A HERANÇA BANTU EM PONCIÁ VICÊNCIO.....	37
4.1 Representação Bantu em Ponciá Vicêncio.....	41
5 IDENTIDADE: A CONSTRUÇÃO DO EU FEMININO NEGRO	48
5.1 Lugar de fala, voz feminina e negra em Ponciá.....	57
5.2 A mulher na contemporaneidade: duas palavras e um ponto de vista..	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS	76

1 INTRODUÇÃO

Sabemos que a figura feminina negra sempre foi representada por outras vozes, primeiramente pela voz masculina branca e posteriormente pela voz feminina branca. Sendo assim, sempre lhe foi negado o direito de se autorrepresentar, de falar ela mesma de seus sonhos e temores e principalmente de como ela percebe e é percebida pelo *Outro*.

Consiste em há pouco tempo que que essa voz feminina negra se fez escutar, e começou a contar, agora uma história de dentro para fora, a história de um povo há séculos silenciado, a verdade da mulher contada por quem experienciou de forma direta ou não, não aquela contada por aqueles que não têm autonomia de falar de sua etnia e gênero.

O romance *Ponciá Vicêncio* aqui ponderado, parte de um lugar de voz distinto no qual emana uma discursividade de um olhar feminino negro. É desse lugar marcado por uma etnicidade que provém de várias vozes-ecos do fundo dos navios negreiros, das senzalas e do arrastar das correntes. Perceber-se que essa narrativa fala de vários sujeitos étnicos, que tem na pele a marca da cicatriz de sua raça e condição social, essas marcas contam a história de suas lutas contra a hegemonia branca.

Contudo, também fala do sujeito mulher e negra que sofreu e sofre preconceitos e pelos quais era estereotipada em um país mestiço que prega uma superioridade branca. Essas relações de gênero e etnia se inscreve de maneira delével no romance de Conceição Evaristo, que com sua *Escrevivência*, torna esses testemunhos históricos em memorável ficção.

Essa nova literatura surge com nuances nunca antes vista, pois é uma escrita de muitas vozes, de muitos saberes, de muitos passados. Porquanto é composta não apenas da memória daquele que escreve, mas é composta de muitas outras, porque ela é manifesta por uma memória coletiva de um povo, um povo que sempre foi relegado ao nada, ao esquecimento e que vê diante dessa nova literatura a possibilidade de ecoar alto suas crenças, sua cultura, sua luta e sua voz.

E é através dessa voz literária que as escritoras negras quebram os grilhões e alçam a sua voz afrofeminina. E através dela igualmente que começa sua emancipação e declara resistência ao silenciamento que lhe é imposto.

E dentre dessas vozes negras femininas, nos debruçaremos, nesse trabalho sobre a de Conceição Evaristo no romance *Ponciá Vicêncio*. Nesta obra a autora discute inúmeras questões, fala sobre o silenciamento da mulher negra pós-escravidão, da mulher negra mãe, da mulher negra esposa, da mulher negra filha e principalmente da mulher negra e sua ancestralidade. Tudo isso em uma trama memorialística, de enredo não linear. Na qual a autora coloca passado e presente convivendo lado a lado, tudo isso embutido em uma única personagem *Ponciá Vicêncio*.

Ponciá é a protagonista, uma personagem que tem laço forte com o passado de seu povo, ou seja, com sua ancestralidade. Ela é uma personagem fragmentada, composta de vários “eus” e que vive de uma maneira singular. Ela vive em recordar. Mas nesse recordar Evaristo trabalha a subjetividade feminina negra, seus medos, sonhos, lutas e expõe como é forte esse povo, essa mulher e como é lindo a relação dela com sua terra e seus mortos.

Tudo isso Conceição Evaristo aloca através de sua *Escrevivência*, que é uma escrita que nasce de sua vivência, a experiência não só dela mais de um povo, e é através dessa voz literária que ela representa todo um povo, reconstruindo assim, a identidade afro.

Para o desenvolvimento da presente pesquisa nos debruçamos sobre a teoria de alguns estudiosos dessa área, como Ana Rita Santiago (2012), Sueli Carneiro (2003), Luiz Silva Cuti (2010), Mirian Alves (2010), Djamilia Ribeiro (2017), entre outros, esses estudiosos nos serve de base para defernirmos o que é literatura negra e literatura feminina negra, como também o lugar da mulher na sociedade contemporânea. Além disso traremos a tona, a cultura *Bantu* na perspectiva de Nei Lopes (2011), *Cultura Bantu Ngola* (2018), Formosinho (2013), Dejair Dionisio (2013) e para nos respaldar na construção da identidade das personagens, usaremos os seguintes autores Stuart Hall (2003-2006), Manuel Castells (1999) e outros que nos seja viável no trabalho. A presente pesquisa é de cunho bibliográfico e foi dividida em quatro capítulos, o primeiro traz algumas ponderações sobre a literatura feminina negra aqui no Brasil, o segundo tem como objetivo apontar sobre a estética e estilo da autora Conceição Evaristo, no terceiro e quarto capítulo nos debruçaremos sobre as questões da ancestralidade, identidade e lugar de fala a partir da visão feminina e negra dentro da obra aqui sopesada. Para melhor

entendimento usaremos a sigla EV , sempre que houver citação direta da autora Conceição Evaristo seguida do ano e página.

Nesta obra, Conceição Evaristo coloca toda sua africanidade para falar de um lugar de fala pouco visto, o lugar de fala de uma mulher negra e pobre. Colocando essa voz, ela quebra todos os paradigmas que configurava essa mulher e a estereotipava como mulher-corpo-objeto, mulher-corpo-procriação e mulher-corpo-mão-de-obra e mostra uma mulher-sujeito-negra.

2 A LITERATURA DE ESCRITA FEMININA E NEGRA NO BRASIL, ALGUMAS PONDERAÇÕES

*“Tudo que eu escrevo é profundamente marcado pela minha condição de mulher
negra”*

(Conceição Evaristo)

A mulher, de alguma forma, sempre esteve presente na literatura, só que representada sob o olhar do outro. Até o século XX são poucos os nomes de mulheres na literatura como autoras entre elas podemos citar Jane Austen (1775 – 1817), apesar de ter vivido numa época em que a mulher nem podia sonhar em ser escritora e ter morrido muito jovem, é reconhecida hoje como uma das maiores mundialmente conhecidas, com obras traduzidas para vários idiomas e adaptadas para o cinema, dentre elas estão “Razão e sensibilidade” e “Orgulho e preconceito”. Na literatura portuguesa, a Marquesa de Alorna (1750 – 1839) marca seu nome na poesia do século XVIII/XIX. Antes dela, Soror Mariana Alcoforado já tinha subvertido um tempo com *As cartas de amor*. Com o passar do tempo a expressão feminina na literatura foi ganhando força.

No final do século XIX e início do século XX, Sylvia Plath, Virginia Wolf, Simone de Beauvoir, Florbela Espanca, entre outras podem ser consideradas como importantes nomes da literatura feminina. No entanto, até esse momento não nos reportamos a escrita de mulheres negras, simplesmente porque elas não apareciam, até porque os negros não aprendiam a ler e escrever e para a mulher negra era ainda mais difícil, primeiro por ser mulher e depois por ser mulher negra. No entanto, a natureza feminina vai subverter os trâmites sociais e o silenciamento de séculos e começa a vir à tona com nomes como Alice Walker, Toni Morrison, Chimamanda Ngozi Adichie (nigeriana), entre outras.

No Brasil, algumas escritoras deram os primeiros passos sem muito reconhecimento, mas com vontade de dizer, entre elas estão Maria Firmina dos Reis, a primeira romancista negra brasileira (1822-1917), Carolina de Jesus (1914 – 1977), Geni Guimarães (1947) e Conceição Evaristo, que será o motivo do nosso corpus de pesquisa. Ressaltando que, atualmente, essas escritoras são

consideradas grandes nomes da literatura brasileira e reconhecidas em outros países.

Foi a partir do final dos anos 1970 que, realmente, veio à tona a discussão sobre uma literatura afro-brasileira. Daí o surgimento de cadernos negros. De certo modo, aconteceu através de várias lutas do movimento negro no Brasil. Assim, reverte-se de particular importância esse debate em volta da escrita negra no Brasil.

Segundo Evaristo (2004) a literatura brasileira desde os primórdios até a contemporaneidade detém preconceito com a escrita feminina e esse preconceito é ainda mais forte com escrita de mulheres negras. A literatura brasileira insiste em apregoar, ainda nos dias de hoje, um discurso machista e racista, no qual estereotipa de forma negativa a mulher negra.

A mulher negra é retratada ainda ligada ao seu passado escravo quando a mulher negra era vista apenas como corpo de deleite de seu senhor, corpo procriação e corpo mão de obra. Notamos, dessa forma, que mesmo com o passar dos séculos e em meio a tantas lutas, a literatura brasileira ainda conserva amarras do preconceito que tenta silenciar a voz negra e interditar seu progresso na arte da escrita. Não se trata de uma ação direta, mas de um amalgama de discursos, fatos e ações que revelam várias formas de preconceitos contra a mulher e que se fortalece ainda mais contra a mulher negra. Portanto, a perspectiva literária é apenas uma das questões. Dessa forma, se para a mulher branca foi difícil chegar ao universo das letras, para a mulher negra foi e ainda está sendo muito mais difícil.

Nos anos 1850 antes da abolição, quase não se ouvia falar em negros na literatura. O contexto histórico aponta que os escritores daquela época não escreviam sobre os negros, pois simplesmente não os consideravam seres humanos, pois as pessoas escravizadas passaram por um processo de animalização, que hoje pode ser comparado ao processo de coisificação. De acordo com Castilho (2004) "a presença do negro na literatura brasileira, ao longo da história, foi marcada ou pelo silêncio, como no período anterior à abolição, ou pela afirmação de sua inferioridade, tanto biológica como cultural na pós-abolição".

Com base ainda em Castilho (2004) é possível afirmar que o negro só surge na literatura no final da fase do indianismo na escola literária romântica, porém para contracenar com o índio, sendo retratado como humilde e resignado, como aparece

no Romance *Til* (1872), de José de Alencar. E assim, o negro vem sendo representado outrora como ser irracional e servil. Na pós- abolição surge o romance *Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, em 1875, uma escrava descrita com feições de gente branca. E assim o negro foi passando nas páginas literárias, sendo apagado nas suas afeições, sua cultura, suas angustias e seus anseios.

Percebe-se que o negro, tanto homem quanto mulher, era posto na ficção tal qual era visto e tratado pela sociedade. Suas posições em obras eram de escravos, ou seja, não de sujeito, mas de sujeitado. No final do século XIX Cruz e Souza - 1861/1898 – é o primeiro, realmente negro, a se destacar, isso porque outros que se destacaram eram mestiços, como Machado de Assis, Lima Barreto, entre outros.

Nesse mesmo contexto, vêm as mulheres, a escrava de *Escrava Isaura* só foi protagonista porque tinha feições de brancos e a cor clara, a discussão da obra é justamente essa, mostrar que não é só a aparência que faz de você um negro e que o Brasil não poderia contar com a cor da pele, uma vez que é um país mestiço e a Isaura é um exemplo disso. Isaura era desejada pela aparência e rejeitada pela descendência. Mesmo os que a tinham em casa não a deixou ser livre, ela foi vítima de um destino traçado pela crueldade social que dita quem deve ou não ser sujeito ou sujeitado.

Por esse prisma, percebemos a dificuldade dos escritores, em escreverem sobre os negros sem denegrir sua imagem ou exaltar uma única qualidade sua, sendo assim, a dificuldade desse negro em escrever e se autorrepresentar era imensa, no contexto em que se encontravam. Portanto, imagine uma mulher negra se autorrepresentar através de sua escrita, o marco inicial dessa literatura foi o romance abolicionista *Úrsula*, em 1859, de Maria Firmino dos Reis, influenciadora de outras escritoras como Carolina Maria de Jesus com o *Quarto de despejo* (1960) e outras vozes negras como Esmeralda Ribeiro, Miriam Alves, Lia Vieira, Celinha, Roseli Nascimento, Djamila Ribeiro, dentre outras. São mulheres que tentam se dizer, se expressar, de modo que suas histórias, imagens, sonhos, desejos, anseios e receios sejam evidenciados, agora por parte de quem os vive e não de quem, simplesmente vê e diz, com o foco do olhar de quem está fora ou, pelo menos, de quem não está na situação do outro.

De acordo com Evaristo (2004), enquanto há literatura que estereotipa e inviabiliza a voz da mulher negra, há outra que quebra e rasura essa imagem na literatura, dando novas nuances a essa representação na literatura. Assim, passando a se autorrepresentar, deixando de ser corpo mulher negra para ser sujeito mulher negra, tomando posse de seu corpo e voz.

Algumas obras contemporâneas de mulheres negras que quebraram esse estigma e lançaram sua voz:

- Carolina Maria de Jesus, Quarto de Despejo – Diário de uma favelada, Casa de Alvenaria, Pedacos de fome e Provérbios.

Figura 1, escritora negra Carolina Maria de Jesus.



Fonte <https://www.geledes.org.br/15-autoras-negras-da-literatura-brasileira/>

- Ana Maria Gonçalves, vencedora do Prêmio Casa de las Américas na categoria literatura brasileira com o livro "Um Defeito de Cor", de 2006.

Figura 2, escritora negra Ana Maria Gonçalves.



Fonte <https://www.geledes.org.br/15-autoras-negras-da-literatura-brasileira/>

- Djamila Ribeiro, com o livro "O que é lugar de fala".

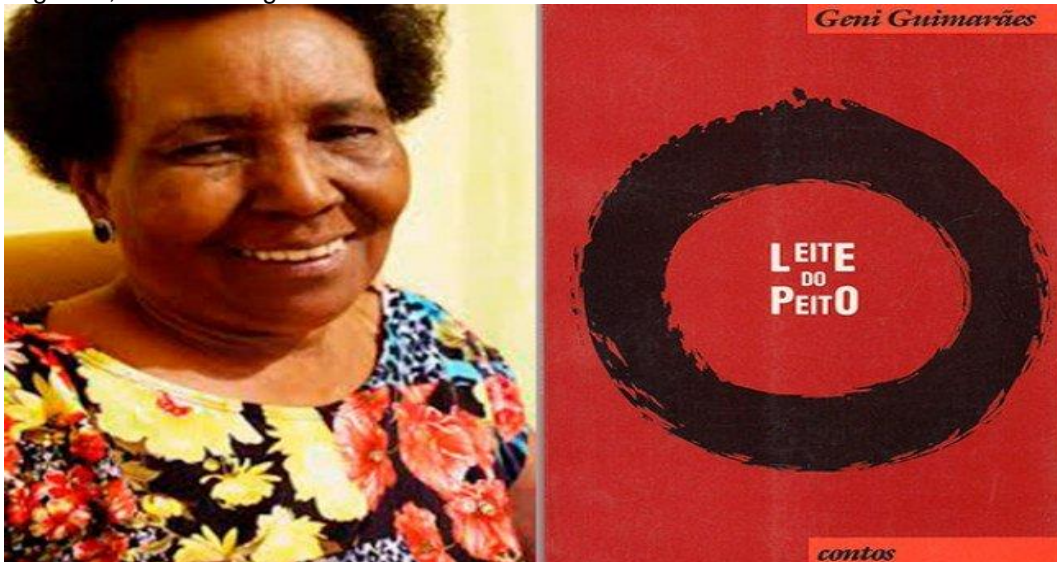
Figura 3, filósofa e escritora negra Djamila Ribeiro.



Fonte <https://www.geledes.org.br/djamila-ribeiro-gente-luta-por-uma-sociedade-em-que-as-mulheres-possam-ser-consideradas-pessoas/>

- Geni Guimarães, escritora dos livros “Terceiro Filho”, “Contos de Leite” e “A cor da ternura” e “Leite do peito”.

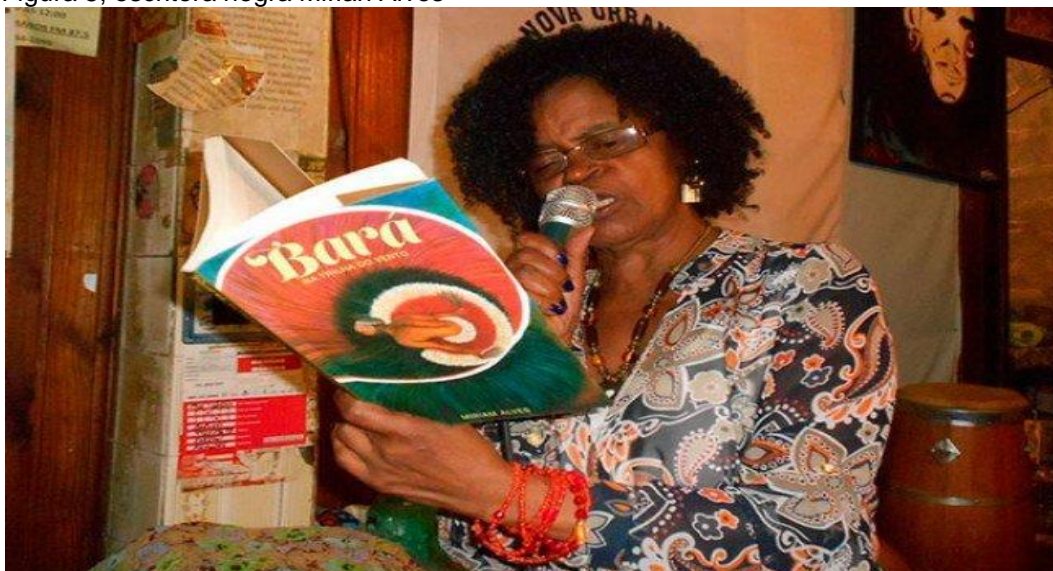
Figura 4, escritora negra Geni Guimarães



Fonte <https://www.geledes.org.br/15-autoras-negras-da-literatura-brasileira/>

- Miriam Alves, “Momentos de Busca”, “Estrelas nos Dedos”, a peça teatral “Terramara”, ensaios em “Brasilafro Autorrevelado”, “Bará – na Trilha do Vento” e o livro de contos “Mulher Mat(r)iz”.

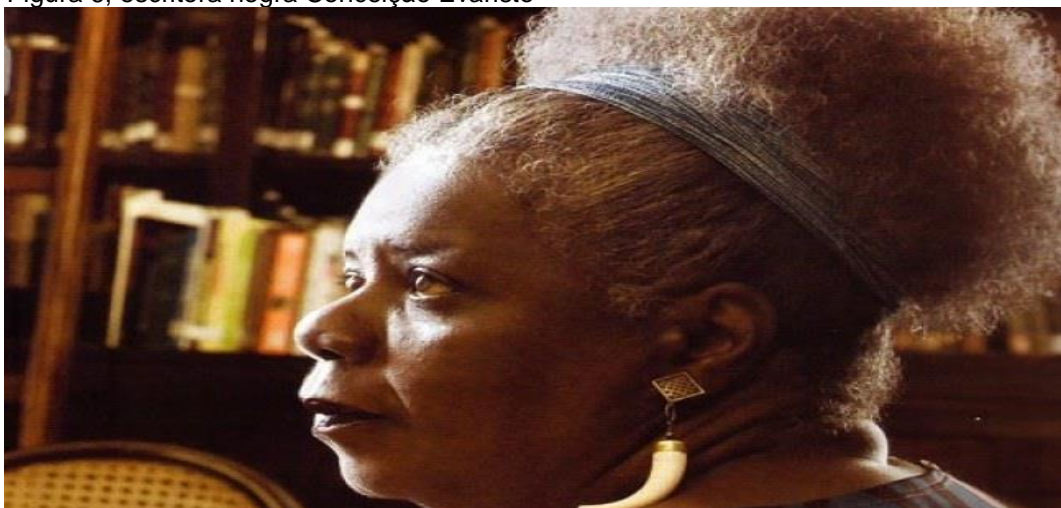
Figura 5, escritora negra Mirian Alves



Fonte <https://www.geledes.org.br/15-autoras-negras-da-literatura-brasileira/>

- Conceição Evaristo, escreveu o romance “Ponciá Vicêncio”, publicado em 2003, e o “Becos da Memória” em 2006, entre outros.

Figura 6, escritora negra Conceição Evaristo



Fonte <https://www.geledes.org.br/15-autoras-negras-da-literatura-brasileira/>

Com o passar dos tempos os escritores negros foram se organizando e participando de eventos literários exclusivos e dessa organização surgiu a primeira publicação de *Cadernos Negros* no ano de 1978. Desse movimento literário afro-brasileiro surgiu o *Quilombohoje* na década de 80, grupo informal com o objetivo de expandir a escrita negra e junto a ela, a cultura afro, esse grupo foi fundado pelos escritores Cuti, Oswaldo de Camargo e outros. Esse movimento surgiu em pleno regime militar e levantou diversos encontros por todo país, espalhando a causa e a

luta por direitos de igualdade étnico-racial, dentro da abertura dessa nova voz, surgiu uma outra, a voz afro feminina.

A literatura feminina negra vem para quebrar paradigmas e colocar o dedo na ferida da sociedade que ainda jaz podre em seu preconceito racista e patriarcal. Essas vozes literárias visam alcançar sua emancipação e declarar sua resistência a todo grilhão imposto a elas. Segundo Santiago (2012) "A literatura feminina se destaca pelas enuncadoras: são sujeitos que vivem situações das mais adversas por serem mulheres e vislumbram outros mundos, outras vidas e outros homens e mulheres através da escrita literária. Elas ousam escrever de si e de nós como sujeitos que enunciam dizeres e contradizeres".

Como assegura Santiago (2012), pode-se dizer que somente no século XX, que a escrita feminina se fez atuante na literatura, despertada principalmente pelos ideais do movimento feminista mundo afora. Neste contexto, fica claro que todas essas discussões sobre o lugar da mulher na sociedade, vista até então apenas como anjo do lar na eterna disputa homem x mulher, foi o responsável por toda essa tomada de consciência feminina. O mais preocupante, contudo, é constatar que somente na década de 70 de fato essa voz feminina negra apareceu com mais ênfase no meio literário. Não é exagero afirmar que até então, em todo esse processo de luta por um lugar de voz, simplesmente lhe foi usurpado. Porém, em meio a muita luta e persistência, enfim a voz afro feminina se fez ouvir e contou aos quatro ventos a sua realidade vivida, quebrando o silêncio, ao qual as mulheres foram subjugadas por séculos.

Pode-se dizer que nessas novas vozes surgiram questionamentos e novos horizontes nos quais foi colocada para fora uma nova maneira de ver, perceber e descrever a vida. Nessa nova fase da literatura no Brasil, foi inserida nos textos literários também uma memória coletiva, a memória de um povo silenciado e subalternizado por séculos, que agora pode ser ouvido, descrito através da escrevivência de seu povo.

De acordo Santiago (2012, p.150) "A escritura feminina se configura como narrativas e textos poéticos com marcas de jogos de resistência, de experiências, afetos e desafetos, sonhos, angústias e histórias de mulheres". Conforme explicado acima, essas narrativas é um lugar que quebra a imagem estereotipada que a

mulher é sexo frágil, doméstica e mãe, sendo essa mulher branca. No que concerne à mulher negra, a opressão era tripla, pois a mulher negra era oprimida pelo homem branco, pelo o homem negro e pela mulher branca. Essa imagem era construída por vozes masculinas machistas e racistas, que relegava a mulher o espaço apenas do lar e além de tudo isso era lhe atribuída um intelecto inferior.

Conforme verificado por Alves (2010), ser mulher escritora e negra no Brasil é quebrar as barreiras impostas não só pelo homem, mas por toda uma sociedade dominante, que lhe restringe ao lar e ao silêncio. Podemos dizer as inúmeras barreiras, sociais, culturais, intelectuais além do direito de fala. Trata-se inegavelmente de uma luta contra a injustiça e tentar transpor os taludes colocados em sua voz e corpo. Sob essa ótica, ganha particular relevância os movimentos feministas e o movimento negro que soam sua voz por vários lugares. O autor deixa claro que essas escritas redefinem funções preestabelecidas.

Pode-se dizer que tanto Alves quanto Santiago entendem a importância da escrita negra feminina da mesma forma, pois, veem que a projeção dessas narrativas traz uma resiliência e resistência a séculos de abusos e silenciamento que agora rompe como um grito na madrugada, para incomodar a camada opressora que foi por muito tempo, dona da verdade absoluta.

Conforme mencionado por Alves (2010, p.183) "Ser mulher escritora no Brasil é também dispensar a mediação da fala do desejo delegada e exercida em última instância pelo homem investido do poder "falocrático".

Ora, em tese, é de suma importância toda luta em prol do direito de fala. Caso contrário, teríamos até os dias de hoje, um único lado da moeda. O qual lamentavelmente, usurpava o direito da mulher negra de se autorrepresentar. Conforme explicado acima, é importante considerar que foram precisos longos séculos de submissão para que, finalmente, fossem tiradas as lentes impostas pelas vozes masculinas e brancas que fechavam os olhos para que a mulher negra não vislumbrasse por exemplo sua capacidade de se auto reconhecer como dona de seu corpo e voz e assim sendo capaz de se autorrepresentar.

Nesse contexto, de direitos ao corpo e a voz, pode-se falar também dos senhores brancos que tinham as negras como propriedade e objeto sexual. Mantinham relações, as emprenhavam e as deixavam com os filhos a penarem.

Pensar que que essa atitude é um fato da escravidão é um equívoco, pois a situação se repete até hoje em contextos de desigualdades sociais. Esses aspectos são vistos por muitos estudiosos como uma inferioridade histórica e imposta. Por sua vez, Sueli Carneiro (2003) denomina de subalternização do gênero segundo a raça:

As imagens de gênero que se estabelecem a partir do trabalho enrudecedor, da degradação da sexualidade e da marginalização social, irão reproduzir até os dias de hoje a desvalorização social, estética e cultural das mulheres negras e a supervalorização no imaginário social das mulheres brancas, bem como a desvalorização dos homens negros em relação aos homens brancos. Isso resulta na concepção de mulheres e homens negros enquanto gêneros subalternizados, onde nem a marca biológica feminina é capaz de promover a mulher negra à condição plena de mulher e tampouco a condição biológica masculina se mostra suficiente para alçar os homens negros à plena condição masculina, tal como instituída pela cultura hegemônica (CARNEIRO, 2003, p. 126).

Dessa forma, percebe-se a importância da literatura feminina de mulheres afrodescendentes, uma vez que há não só uma necessidade de expressão do eu, mas o direito ao universo artístico-literário e também a expressão da palavra, seja em que contexto for, é um direito do sujeito à voz. De acordo com Santiago;

Nesse contexto, a literatura afrofeminina é uma produção de autoria de mulheres negras que se constitui por temas femininos e de feminismo negro comprometidos com estratégias políticas civilizatórias e de alteridades, circunscrevendo narrações de negritudes femininas/feminismos por elementos e segmentos de memórias ancestrais, de tradições e culturas africano-brasileiras, do passado histórico e de experiências vividas, positiva e negativamente, como mulheres negras. Em um movimento de reversão, elas escrevem para (des)silenciarem as suas vozes autorais e para, através da escrita, inventarem novos perfis de mulheres, sem a prevalência do imaginário e das formações discursivas do poder masculino, mas com poder de fala e de decisão, logo senhoras de si mesmas.(SANTIAGO, 2012, p.155)

A autora deixa claro na citação, que através da escrita, a mulher negra traz temas femininos do ponto de vista de quem viveu na pele ou consegue entender por meio da alteridade, as complexidades dos sentimentos vividos pelas mulheres, trabalhando as narrativas de maneira pouco vista e mostrada. A escritora negra faz isso num processo autoral de escrita que quebra as barreiras do silenciamento impostas por uma sociedade patriarcal e racista.

Portanto, torna-se evidente a importância dessa voz autoral, no que concerne à luta pelo o lugar de fala, tendo conquistado o direito de se autorrepresentar. Porém infelizmente ainda hoje as escritoras negras têm dificuldade de publicar seus livros,

nas grandes livrarias, deixando nítido o quanto ainda é pungente o preconceito em nossa sociedade.

3 ESCRIVIVÊNCIA, CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTILO E A ESTÉTICA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

" A nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos".

(Conceição Evaristo)

Figura 7, escritora negra Conceição Evaristo.



Fonte <http://nossaescrevivencia.blogspot.com/>

Conceição Evaristo nasceu em Minas Gerais na cidade de Belo Horizonte, no ano de 1946. Se formou em letras pela Universidade do Rio de Janeiro (UFRJ), é Mestre em literatura brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e doutora em literatura comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Evaristo apresenta uma escrita engajada no movimento social e feminista, especialmente no que condiz às mulheres negras, suas obras têm grande repercussão tanto nacionalmente quanto e internacionalmente, sendo uma das autoras afro-brasileiras mais citadas lá fora. Suas obras vêm tendo grande destaque no campo acadêmico brasileiro e *Ponciá Vicêncio*, seu primeiro romance, é um dos livros obrigatórios em muitas universidades do Rio de Janeiro. Conforme Evaristo (2005, p. 52), entoa uma “contra-voz a uma fala literária construída nas instâncias culturais do poder da literatura brasileira”.

Segundo verificado por Oliveira (2014), Evaristo emprega em suas narrativas, toda sua afro-descendência, suas experiências de mulher negra no Brasil, em textos carregados de tradições e vivências. No entanto, é erro atribuir a toda essa voz autoral, uma voz única e voltada a sua própria experiência real de vida. Assim,

reveste-se de particular importância dizer que as narrativas de Evaristo são podadas por uma memória coletiva, porém uma memória não presa ao passado e sim uma memória que usa das lutas e anseios de seus antepassados para ter uma afirmação de si, ao mesmo tempo em que contribui para alteridade de outrem e assim, manter viva sua cultura e com ela criar um futuro melhor sem delegar ao esquecimento tudo vivido e lutado pelos seus ancestrais. Sob essa ótica, ganha particular relevância à literatura afro-brasileira, as obras de Conceição Evaristo como voz de autorrepresentação feminina negra.

A melhor maneira de compreender esse processo, é considerar de onde parte essa voz afro feminina, pois nasce da luta contra o racismo, misoginia, sexismo e falocentrismo. No entanto, não se trata apenas de uma guerra contra o branqueamento e silenciamento da voz feminina, vai mais além, pois se trata da afirmação de um eu ficcional e real que ecoa das páginas de Evaristo com grande habilidade escritural.

Julgo pertinente trazer à tona que além dessa voz denunciadora da autora, ela também toca fundo nas questões de exclusão social de várias formas, retratando as periferias de maneira nua e crua como podemos observar no conto "Ana Davenga" presente no livro *Olhos d'água*. É interessante observar que, mesmo tratando de assuntos tão difíceis, Evaristo descreve esses cancos sociais com uma poeticidade pouco vista, que é uma das várias características da sua escrita. Conforme explicado acima, notamos o quanto importante é, o lugar de fala da autora para o combate ao preconceito na literatura brasileira contemporânea, particularmente no que condiz ao racismo e ao preconceito da escrita de mulheres negras.

É interessante, aliás, verificar que nas obras de Evaristo, ela coloca a figura do negro, principalmente a mulher negra, como personagem principal, mostrando seus sentimentos, anseios, lutas internas e externas, dores, sonhos, vitórias e derrotas e, principalmente, seu olhar sobre o mundo e como esse mundo a vê. Mas há um fato que se sobrepõe a toda essa exploração de sentimento, que são suas raízes africanas presentes em toda obra, podemos ver por exemplo quando ela descreve o arco-íris em *Ponciá Vicêncio*, porquanto, Ponciá quando menina tinha

medo de passar por baixo do arco-íris, porque os mais velhos diziam se uma menina passar por baixo da grande cobra celeste colorida haveria de tornar-se menino.

Quando Ponciá Vicêncio viu o arco-íris no céu, sentiu um calafrio. Recordou o medo que tinha durante toda a infância. Diziam que menina que passasse por debaixo do arco-íris virava menino. Ela ia buscar o barro na beira do rio e lá estava a cobra celeste bebendo água. Como passar para o outro lado? Às vezes ficava horas e horas na beira do rio esperando a colorida cobra do ar desaparecer. Qual nada! O arco-íris era teimoso! Dava uma aflição danada. Sabia que a mãe estava esperando por ela. Juntava, então, as saias entre as pernas tampando o sexo e, num pulo, com o coração aos saltos, passava por debaixo do angorô. Depois se apalpava toda. Lá estavam os seinhos, que começavam a crescer. Lá estava a púbis bem plano, sem nenhuma saliência, a não ser os pelos. Ponciá sentia um alívio imenso. Continuava menina. Passara rápido, de um só pulo. Conseguira enganar o arco e não virara menino. (EV, 2017, p. 13)

É interessante observar a perspectiva cultural passada para Ponciá sobre o arco-íris, percebemos que é semelhante a milhares de outras superstições incutidas a pessoas para manter o domínio sobre elas. No caso específico de Ponciá, o arco-íris se apresenta simbolicamente como uma barreira que ela quebra, ou seja, dentre tantas formas de dominação que são colocadas em forma de credos para manter comportamentos e ações de pessoas ou grupos aquela é mais uma que Ponciá, de certa forma, supera. Nesses grupos dominados estão as mulheres e não podemos deixar passar a maneira como a autora se refere ao arco-íris (cobra). Primeiro, podemos inferir que se trata de um elemento fálico e que tem relação com a sexualidade masculina e depois, ainda podemos observar que a serpente que enganou Adão foi, até certo ponto, 'superada' pela mulher – Ponciá uma vez que ela consegue passar pelo arco-íris.

Dessa forma, é possível dizer que Evaristo mostra subliminarmente a inteligência, a sagacidade e especialmente a capacidade da mulher de se impor ao masculino. Nesse sentido, esse masculino vem carregado de significado, tanto no sentido do poder social quanto no sentido fálico de usar a mulher como objeto sexual, especialmente as mulheres negras que eram subjugadas ainda mais que as brancas no que concerne a sexualidade. Ponciá, assim como tantas outras, consegue ultrapassar essa 'barreira'.

Do mesmo modo, observa-se também, na obra, a simbologia do barro em relação ao humano, (do pó ao pó) que nós somos barro e do barro para a vida e no caso da cultura afro, a ligação é bastante forte por trazer essa relação da vida

depois da morte que se representa através do Barro. Quando Evaristo mostra a ligação que a personagem tem com o barro, o barro que, na língua bantu quer dizer *mavu*. Para cultura bantu o barro tem uma ligação muito forte com os mortos, portanto, com a ancestralidade, pois, ele é extraído do rio, moradas dos espíritos dos mortos.

Sendo presentes os antepassados na comunidade e tendo ascendência sobre os seus descendentes, uma representação muito comum no Congo seria a estatutária. Se as mesmas são confeccionadas de argila que é o elemento primordial e é “extraída do leito de um rio ou do fundo de uma lagoa ou pântano que, [...] são a residência dos espíritos dos mortos. (MARTINS, 1958, P. 68 apud DIONISIO, 2013, p. 75)

Indo contra a toda essa expressão poética, ainda há muito empecilho para a publicação de obras de Evaristo, dela e de outras autoras negras, mas contra essas barreiras impostas, Conceição Evaristo, juntamente a outras escritoras afro-brasileiras, conseguem, mesmo ainda de forma tímida, colocar suas vozes para serem ouvidas. É sinal de que há, enfim, uma esperança que, como deixa claro a autora, que elas possam em um futuro próximo desfazer os estereótipos com que a mulher negra vem sendo classificada há séculos.

Pode-se dizer que o estilo literário de Evaristo é construído de uma linguagem poética marcada pela sua etnicidade. Neste contexto, fica claro que ela escreve contra hegemonia do cânone literário branco e do falocentrismo no Brasil, em uma escrita descolonizadora. Percebe-se na escrita de Evaristo a importância dada a voz, aos sentimentos e as experiências tanto coletiva quanto individual de um povo que foi e ainda é ignorado. Daí a perspectiva de escrivência colocada pela própria autora para dar uma característica particular a sua forma de escrever.

Ainda me lembro, o lápis era um graveto, quase sempre em forma de uma forquilha, e o papel era a terra lamacenta, rente as suas pernas abertas. Mãe se abaixava, mas antes cuidadosamente ajuntava e enrolava a saia, para prendê-la entre as coxas e o ventre. E de cócoras, com parte do corpo quase alisando a umidade do chão, ela desenhava um grande sol, cheio de infinitas pernas. Era um gesto solene, que acontecia sempre acompanhado pelo olhar e pela postura cúmplice das filhas, eu e minhas irmãs, todas nós ainda meninas. Era um ritual de uma escrita composta de múltiplos gestos, em que todo corpo dela se movimentava e não só os dedos. E os nossos corpos também, que se deslocavam no espaço acompanhando os passos de mãe em direção à página-chão em que o sol seria escrito. Aquele gesto de movimento-grafia era uma simpatia para chamar o sol. Fazia-se a estrela no chão. (EVARISTO, 2007, p. 16)

Evaristo é uma contadora de histórias e suas falas se misturam entre o real e o imaginário. O texto acima se trata de um depoimento, ou seja, de fatos de sua vida, mas a maestria com que coloca as palavras e a realidade que se assemelha ou dar vida as obras nos conduzem para um misto de ficção e realidade. O termo escrevivência mostra que aquilo que vivemos ficcionalmente através das obras da autora é, na verdade, experiências de vida dela e de seus ancestrais pelos inúmeros países onde se deu, de alguma forma, a diáspora africana.

O mais preocupante, contudo, é constatar que mesmo nos dias atuais, depois de tantas lutas, a escrita afrofeminina ainda se depara com tantos obstáculos na hora de publicar livros. Não é exagero afirmar que as mais importantes livrarias do Brasil não têm em estoque esse estilo de literatura, o que confirma que ainda existe preconceito, mesmo que de forma velada, por isso é importante a atuação dos Cadernos Negros, Quilombohoje e algumas editoras como *Malê* e *Pallas*, editoras dedicadas a publicação de escrita negra. Segundo Alves (2011, p.183), "Ser mulher escritora no Brasil é também dispensar a mediação da fala do desejo delegada e exercida em última instância pelo homem investido do poder falocrático".

Conforme mencionado por Alves (2011), a escrita feminina produzida por escritoras negras vem para quebrar com a estereotipagem com que o negro, em especial a mulher negra, era descrito nas páginas dos livros literários. Em tese, percebemos que, embora na contemporaneidade haja uma vasta gama de escritoras negras, ainda existem grandes dificuldades de se propagar essas vozes no meio literário brasileiro. Caso contrário, haveria um volume bem maior de publicações afro feminina no mercado. Não se trata de não haver obras desses estilos a serem publicadas, lamentavelmente, o que há são portas fechadas para obras que muitos consideram periféricas e sem valor artístico.

É importante considerar, que Conceição Evaristo para poder publicar seu primeiro romance, reuniu capital próprio para uma publicação independente. Dessa forma, se faz pertinente trazer à baila a grande quantidade de obras de escritores homens e brancos que enchem as livrarias e são altamente divulgados pela mídia. Conforme explicado acima vemos uma demonstração explícita do preconceito aqui no Brasil.

Sendo as mulheres negras inviabilizadas, não só pelas páginas da história oficial brasileira, mas também pela literatura, e quando se tornam objetos da segunda, na maioria das vezes, surgem ficcionalizadas a partir de

estereótipos vários, para as escritoras negras cabem vários cuidados. Assenhoreando-se “da pena”, objeto representativo do poder falo-cêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação. Surge a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. A escre-(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra.[...] (EVARISTO, 2003, p. 6).

Evaristo deixa claro que a escrita feminina por mulheres negras vem para anular a voz que, sem conhecimento de causa, lhe descreve, revelando uma imagem que inferioriza a mulher negra, não deixando que em suas páginas ela deixe de ser mais que um corpo negro. Nesse contexto, a literatura de escritoras negras tenta desconstruir uma imagem, um conceito, uma marca criada pela sociedade dominante, predominantemente burguesa, machista e branca.

Noutrora a mulher era descrita e agora ela se autorrepresenta, mostrando suas vivências, seus sentimentos e força através da escrita. E é justamente isso que Conceição Evaristo faz, ela se diz nas suas obras, ela representa todo um povo, reconstruindo assim, sua identidade afro. Nesse contexto, percebe-se que:

O texto (de Ponciá Vicêncio) destaca-se também pelo território feminino de onde emana um olhar outro e uma discursividade específica. É desse lugar marcado, sim, pela etnicidade que provém a voz e as vozes-ecos das correntes arrastadas. Vê-se que no romance fala um sujeito étnico, com as marcas da exclusão inscritas na pele, a percorrer nosso passado em contraponto com a história dos vencedores e seus mitos de cordialidade e democracia racial. Mas, também, fala um sujeito gendrado, tocado pela condição de ser mulher e negra num país que faz dela vítima de olhares e ofensas nascidas do preconceito. Esse ser construído pelas relações de gênero se inscreve de forma indelével no romance de Conceição Evaristo, que, sem descartar a necessidade histórica do testemunho, supera-o para torná-lo perene na ficção. (DUARTE, 2006, p. 308)

Fica evidente, diante desse quadro, que a escrita de Evaristo vem para alavancar a discussão sobre essa escrita afrofeminina na literatura. E é nessa voz literária que ela coloca toda a sua *escre-vivência*, uma escrita de vida, em que o passado e o presente se mesclam, tentando construir um futuro mais justo, menos duro para um povo que já sofreu durante séculos, um povo que nasceu livre e tornou-se escravo e tenta até hoje, no caso do Brasil, com mais de cem anos da abolição da escravatura, sanar as cicatrizes das correntes que teimam em ficar. Ao mesmo tempo, colocar em evidência aspectos culturais de um povo, de sua vivência, valorizando-os é uma espécie de ‘escrevivência’.

Conceição Evaristo é poetisa, ensaísta e romancista, ela coloca em suas obras o negro, principalmente a mulher negra em posição de destaque, ela mostra esses personagens como sujeitos atuantes. Nesses personagens ela traz à tona toda sua africanidade, com suas crenças e modo de viver, construindo assim sua origem identitária, isso corrobora com a ideia que sua escrita é também de uma memória coletiva. Segundo Oliveira (2014, p.926), "Falar sobre a escrita de Conceição Evaristo é iniciar primeiramente uma fala sobre nossas origens identitárias enquanto nação. Por isso, a temática africana e seu processo diásporo na comunidade brasileira, é notória". Ainda de acordo com Oliveira (2014, p. 930):

A literatura afro-descendente de Conceição Evaristo coloca em ênfase as gerações futuras de mulheres negras com uma consciência de si e autoconfiança de suas identidades históricas. Tal característica de suas narrativas se configura como um dos elementos que expõem a autora para uma projeção universal. (OLIVEIRA, 2014, p.930).

Podemos notar essa consciência de si, essa afirmação identitária juntamente com a quebra do silenciamento imposto à mulher negra, claramente em seu poema *Vozes Mulheres*, nele Evaristo coloca várias gerações de mulheres e sua relação com a escravidão e mostra que de geração em geração vai se rompendo o silêncio e na última geração há o rompante da voz oprimida por séculos. Vejamos:

A voz de minha bisavó
 ecoou criança
 nos porões do navio.
 ecoou lamentos
 de uma infância perdida.
 A voz de minha avó
 ecoou obediência
 aos brancos-donos de tudo.
 A voz de minha mãe
 ecoou baixinho revolta
 no fundo das cozinhas alheias
 debaixo das trouxas
 roupagens sujas dos brancos
 pelo caminho empoeirado
 rumo à favela.
 A minha voz ainda
 ecoa versos perplexos
 com rimas de sangue
 e
 fome. A voz de minha filha
 recolhe todas as nossas vozes
 recolhe em si
 as vozes mudas caladas

engasgadas nas gargantas.
 A voz de minha filha
 recolhe em si
 a fala e o ato.
 O ontem – o hoje – o agora.
 Na voz de minha filha
 se fará ouvir a ressonância
 o eco da vida-liberdade.
 (EVARISTO, 1990, p. 32-33)

Pode-se dizer também que a escrita de Evaristo é impregnada de uma musicalidade que muitas das vezes aos nossos ouvidos parece estarmos lendo a letra de uma música. Por exemplo, quando a autora emprega no texto, repetições de palavras e sons e compõe suas narrativas com frases curtas e precisas imprimindo dessa forma uma poeticidade e musicalidade pouco visto em textos escritos em prosa. Vejamos um trecho de *Ponciá Vicêncio* “Naquela época Ponciá Vicêncio **gostava** de ser menina. **Gostava** de ser ela própria. **Gostava** de tudo. **Gostava**. **Gostava** da roça, do rio que corria entre as pedras, **gostava** dos pés de pequi, dos pés de coco-catarro, das canas e do milharal”. (EV.2017, p.13)

Tanto a repetição da palavra *gostava* que dá sonoridade ao mesmo tempo em que enfatiza o gosto de Ponciá, vemos também as aliteraões em sequência, que transforma o poema em cantiga como as parlendas.

Ela mesma diz que esses são os efeitos de sua criação, pois ela foi rodeada pelas palavras, cresceu ouvindo narrativas de sua mãe e tios. Conforme citado acima, fica claro mais uma das características de seus ancestrais embutida no seu fazer literário, pois faz parte da cultura africana, as contações de histórias, as quais são passadas de pai para filho toda existência de seu povo.

De acordo com Evaristo (2003, p. 1):

Do tempo/espço aprendi desde criança a colher palavras. A nossa casa vazia de móveis, de coisas e muitas vezes de alimento e agasalhos, era habitada por palavras. Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos amigos contavam. Eu, menina repetia, inventava. Cresci possuída pela oralidade, pela palavra. As bonecas de pano e de capim que minha mãe criava para as filhas nasciam com nome e história. Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia (EVARISTO, 2003, p.1).

Conforme verificado, a voz autoral de Conceição Evaristo é de uma subjetividade e etnicidade pouco vista na literatura brasileira. Conforme citado acima, reveste-se de particular importância a leitura e discussão de suas obras no meio acadêmico.

Sob esse prisma, ganha particular relevância a proposta de pesquisa desse trabalho e outros tantos com o mesmo viés. Como bem diz Santiago (2012, p.163) "a literatura afrofeminina, neste sentido, pode ser considerada como um processo contínuo de (re)invenções de memórias, histórias e narrações sobre identidades, femininos e feminismos negros". Esses aspectos são, essencialmente, o mote de *escre-vivência* da autora, por isso o termo cunhado por ela "escrevivência" para sua obra:

A maneira como ele vai viver em si a condição e a aventura de ser um negro escritor. [...] E, se há um comprometimento entre o fazer literário do escritor e essa experiência pessoal, singular, única, se ele se faz enunciar enunciando essa vivência negra, marcando ideologicamente o seu espaço, a sua presença, a sua escolha por uma fala afirmativa, de um discurso outro – diferente e diferenciador do discurso institucionalizado sobre o negro – podemos ler em sua criação referências de uma literatura negra. (EVARISTO, 2010, p. 5)

Observamos que em todas as obras de Evaristo, sejam elas narrativas ou poesias, a autora discute vários temas que vão do romance entre um homem e mulher à relação de classe. Evaristo coloca a figura negra como personagem central, revelando todas as facetas de um sujeito complexo e cheio de uma carga semântica pouco vista, pois esse personagem carrega em si várias gerações de silenciamento. Por exemplo, no conto *Ana Davenga* ela retrata os medos e anseios de um casal que vive na periferia, mas também fala do amor a dois. Para Sousa (2015, p.86) "textualmente falando, o homem e a mulher negra não temem mais expor-se liricamente, apresentando um sujeito, seja masculino ou feminino, que fala e revela suas origens e descendências".

Na contemporaneidade, podemos encontrar alguns nomes de escritores brasileiros que exaltam em suas obras toda amplitude do povo negro, porém lamentavelmente, poucos são conhecidos. Como bem discute (SALGUEIRO, 2001, p.2)

Escrevendo da perspectiva "mulher" e "negra", escritoras de origem africana tais como Conceição Evaristo, Miriam Alves, Esmeralda Ribeiro, Lia Vieira, Sonia Fátima da Conceição, Geni Guimarães, entre outras, examinam a individualidade e as relações pessoais como uma forma de compreensão de questões sociais complexas, tais como a vida à margem nas grandes cidades, o preconceito nas situações mais corriqueiras do dia a dia, a exclusão já presente nos livros escolares. Narram sob ótica nitidamente feminina, problemas do cotidiano das mulheres negras, em formato repleto de poesia, e pleno de referências culturais, que buscam momentos fortes de uma cultura que se reconstitui. (SALGUEIRO, 2001, p.2)

Por essas características tão próprias do povo negro que impregna a literatura, que contemplamos uma experiência mágica de reconhecimento de si nos personagens colocados por Evaristo, ou seja, percebe-se uma reafirmação de nossa identidade. O autor deixa claro no parágrafo supracitado que essa voz literária é regida por uma subjetividade e alteridade só expressada por uma escritora mulher e negra. Essa voz autoral traz ao leitor, uma experiência inquietante, tirando do conforto quem a lê, uma vez que leva o leitor a analisar o próprio eu e o convoca para analisar seu lugar no mundo. Fazendo vez ou outra, uma rebelião interna em quem é sensível e se sente representado em suas histórias.

A autora Conceição Evaristo embora tenha vários escritos publicados em *Cadernos Negros*, desde os anos 90 e alguns livros publicados como: *Ponciá Vicêncio*, *Becos da memória*, *Insubmissas lágrimas de mulheres*, *Histórias de leves enganos e parecenças* e *Olhos d'água*, ela ainda é uma escritora pouco conhecida no meio literário e acadêmico, pois a escrita afrofeminina infelizmente é pouco difundida.

No entanto, nosso propósito nesse trabalho é analisar o romance *Ponciá Vicêncio* publicado em 2003 pela editora *Pallas*, mas como a literatura de Evaristo é pouco conhecida é interessante que o leitor tenha um conhecimento mínimo sobre a obra, por isso nos propomos fazer um brevíário do mesmo.

3.1 Conhecendo a obra...

O romance *Ponciá Vicêncio* narra a trajetória de vida de Ponciá Vicêncio uma mulher negra descendente de escravos, no período pós-abolição da escravatura. A história é narrada em terceira pessoa, o que proporciona ao leitor uma visão profunda dos acontecimentos, uma vez que o narrador traz aos leitores não apenas as ações dos personagens, mais também seus pensamentos e sentimentos. A obra narra a vida de Ponciá desde menina à vida adulta, com enfoque em seus anseios e sua busca por identidade, pois Ponciá Vicêncio não se reconhecia em seu próprio nome. O enredo é memorialístico de sequência não-linear, porquanto a história é construída em flashbacks e ao mesmo tempo é construída no discurso indireto livre.

A narrativa tem foco na vida de Ponciá Vicêncio, que nasceu na Vila Vicêncio, terra de ex-escravos. Ponciá vivia nessa vila com sua mãe Maria Vicêncio, seu pai e seu irmão Luandi. Seu pai e seu irmão passavam pouco tempo em casa, pois trabalham em processo de semiescavidão na terra dos brancos, enquanto eles lavraram a terra dos antigos senhores, Ponciá e sua mãe ficavam em casa, trabalhando o barro para ajudar na renda familiar. Porém, o trabalho com o barro, era mais que uma obrigação, a arte de ceramista estava em seu sangue, era uma herança de seus ancestrais, elas tinham prazer em dar formas e utilidades ao barro.

Ponciá era uma menina inquieta, que desde cedo carregava consigo a herança de seu Vô Vicêncio, herança essa que norteou toda sua vida, até se fazer presente para sempre. Vô Vicêncio era ex-escravo, marcado pela atrocidade da escravidão. Um dia, num rompante de loucura e dor, mata a esposa e se autoflagela decepando uma das mãos, a partir desse momento vive a vida entre risos e prantos, alheio a toda dor que lhe cercava, até seu adormecer. Mesmo Ponciá Vicêncio sendo tão pequena quando seu vô morreu, lembrasse dele de maneira assustadora e não só carregava com si a lembrança de seu avô, como também sua aparência e até o seu jeito de andar. Nêngua Kainda o arauto da comunidade, dizia que Ponciá carregava consigo, algo a mais que a semelhança com o avô, ela era herdeira dele também.

Na idade adulta Ponciá perde o pai e decide sair de sua comunidade para tentar a sorte na cidade grande, essa decisão deixa sua mãe desolada, pois a duas eram muito próximas. Logo depois de sua partida para cidade, seu irmão Luandi

decidi partir em busca de sua irmã e de condições melhores de vida para ele e sua família. Ponciá na cidade grande não encontra as oportunidades que tanto esperava para uma vida melhor. Chegando a cidade, passa a noite na calçada da igreja, sendo contratada pela manhã como empregada doméstica, trabalha muito duro por anos a fio, até poder comprar um barraco na favela. Com essa conquista, Ponciá pega o trem de volta para a Vila Vicêncio em busca de sua mãe e seu irmão. Porém ela não os encontra, pois, sua mãe Maria Vicêncio ao notar-se sozinha, saiu em vila em vila, até chegar o dia de encontrar-se com seus filhos novamente. Mas, Nêngua Kainda confortou Ponciá, dizendo que ela encontrará os seus um dia. Voltando a cidade, Ponciá vai morar com um rapaz que havia conhecido, porém sua vida é marcada por muitas perdas. Em seu relacionamento ela engravida sete vezes e sete vezes perde seus filhos, essa sucessão de perdas juntamente com a saudade de seus entes queridos e do barro, Ponciá se isola cada dia mais em si, tendo a herança de seu avô Vicêncio cada dia mais presente. Enquanto isso, Luandi seu irmão na cidade é acolhido pelo soldado Nestor, que consegue para ele um emprego de faxineiro na delegacia. Porém Luandi sonha mais alto, sonha em um dia ser soldado, por isso aprende a ler e a escrever, ficando cada dia mais perto de realizar seu sonho. Assim como Ponciá, Luandi volta a Vila Vicêncio para buscar sua mãe e juntos tentarem encontrar sua irmã, entretanto ele se depara com o mesmo vazio que sua irmã achou, mas esperançoso pelas palavras de Nêngua Kainda, deixa seu endereço e toma o trem de volta para cidade.

De volta à cidade grande, Luandi conhece a prostituta Biliza, a quem se apaixona e ela por ele. Eles fazem planos de se casarem, mas seus planos foram interrompidos pela a maldade de negro Climério, o cafetão de Biliza, que a mata esfaqueada em seu quarto no prostíbulo. Luandi ainda chora sua perda quando sua mãe o encontra. Enquanto isso, Ponciá está cada vez mais isolada em seu recordar, e a saudade dos seus e do barro a faz sair em delírio até a estação de trem, onde os três se reencontram e juntos voltam a Vila Vicêncio, onde a herança de Ponciá se faz perene, entre o rio, o angarô (arco-íris) e o barro (mavu).

4 ANCESTRALIDADE: A HERANÇA BANTU EM PONCIÁ VICÊNCIO

Segundo Nei Lopes (2014) *Bantu* é um tronco linguístico originário da África subsaariana, das quais surgiram entorno de 400 línguas e dialetos etnolinguísticos dos quais surgiram vários subgrupos étnicos diferentes. O termo português *banto* quer dizer grande grupo de línguas da África central. A palavra Bantu não engloba apenas um conjunto de línguas mais também toda a cultura de um povo ancestral africano. Como bem nos assegura Sebastião J. Formosinho; J. Oliveira Branco (2013), *Bantu* é uma cultura que possui grande ligação com a terra e sua religião é pautada nessa ligação com os seres naturais e espirituais e também possui a filosofia de um conjunto comunitário.

Para Dionísio (2013, p. 52) Bantu facilita expressar a cultura afro aqui no Brasil ou na própria África, com sua língua, religião e cultura.

São marcas lexicais portadoras de elementos culturais compartilhados por toda a sociedade brasileira e que comprovam a participação histórica do falante banto na construção do português brasileiro e a força da sua influência sobre a identidade brasileira, uma vez que a língua natural de um povo substancia o espaço da identidade como instrumento de circulação de ideias e de informação? (Yeda Pessoa de Castro em entrevista ao jornal Angola Xyami apud Dionísio, 2013, p. 52).

Como se pode verificar na citação acima, *Bantu* é aplicado na literatura afro brasileira. Evidentemente a aplicação pode ser utilizada para entender melhor a cultura afro brasileira. O *Bantu* é uma filosofia de vida que serve para guiar seus componentes no modo de viver. Cita-se, como exemplo, o *Bantu* reger as relações comunitárias de seus integrantes e sua relação com a natureza e como essas pessoas veem os seres divinos.

Nesse contexto, Dionísio (2013, p. 58-59) observa que:

Nas culturas modernas africanas, a narrativa oral foi incorporada à literatura produzida pelos poetas, contistas e romancistas africanos comprometidos com a luta de libertação das colônias. Serviu como palavra conscientizadora para o povo, foi arma e estratégia de luta. No Brasil, encontramos, sobretudo na voz dos afrodescendentes, uma narrativa que rememora África, denunciando a condição de vida dos afrodescendentes, e que, nas últimas décadas, apresenta-se afirmando um sentimento positivo de etnicidade. (Dionísio, 2013, p. 58-59)

Nesse sentido, *Bantu* permite manter viva a cultura africana do Centro da África e aqui no Brasil. Logo, é importante compreender que *Bantu* não é apenas uma língua e sim todo um modo de vida nela enraizada. Nesse sentido, vamos exemplificar Bantu como uma maneira singular de ver a vida e a morte. Dessa forma, vemos em Ponciá, muitos aspectos *Bantu*, a exemplo da ligação das personagens, especialmente as femininas, com o barro. Ponciá e a mãe trabalham com o barro, criam formas com ele como se dessem vida a ele. Esse aspecto nos conduz à observação da própria mulher enquanto mãe e a ligação dela com a terra-mãe, numa fusão de naturezas que representa o feminino. Do mesmo modo, o barro (terra) também representa a terra África de onde vieram e para onde poderiam voltar, mas na impossibilidade dessa volta, podem representar essa africanidade nos modos de vida, nas produções, nas crenças entre outros aspectos.

Segundo o livro *Cultura Bantu Ngola*¹ (2018), pode-se dizer que os negros bantos vieram para o Brasil entre os anos 1680 a 1830, foram trazidos para o porto do Rio de Janeiro em mais 1.500 navios negreiros, acredita-se que foram mais de 700.000 negros bantos tirados a força da África central, dos países de Moçambique, Zâmbia, Angola etc. Neste contexto, fica claro que o maior grupo de negros escravizados foram os bantos. O mais preocupante, contudo, é constatar que grande parte de sua cultura se perdeu nesse processo de escravidão. Não é exagero afirmar que, embora tenha chegado essa grande quantidade de negros aqui, muitos morreram na travessia do mar, pelas condições sub-humanas a que eram obrigados, em todo esse processo, estima-se que milhares, quiçá milhões de negros morreram e foram jogados ao mar. Assim, preocupa o fato de que se saiba tão pouco do maior grupo etnolinguístico e cultural africano chegado no Brasil.

Segundo C.B (2018), por razão da grande capacidade de organização, pensamento coletivo e por serem muito arduos, os negros bantos foram separados das suas tribos e divididos entre as fazendas, para que não pudessem se organizar para uma possível tentativa de rebelião ou fuga. Sendo assim, o grupo dos negros bantos foram um dos mais prejudicados nesse processo de escravatura. Pois, por consequência dessa separação muito de sua cultura e sua religião se perderam ao longo dos séculos de escravidão, colocando no esquecimento muito da sua cultura e

¹ O livro *Cultura Bantu Ngola* é uma produção independente que contém a história do povo Bantu, suas crenças, divindades, como também vários rituais. Esta obra por não possuir autor será apresentada neste trabalho com as iniciais C.B seguida do ano (2018).

rituais. Um dos fatores para o apagamento dessa cultura secular é a imposição do catolicismo feito pelos os senhores escravocratas.

O autor deixa claro que os senhores agiam dessa forma pois, a melhor maneira de dominar é tirando tudo que o outro conhece e substituir por sua "verdade", roubar as memórias e colocar as suas no lugar. Fazendo com que os escravizados achem que não têm nada e nem ninguém para onde e para quem voltar. Segundo Formosinho (2013, p.225) "a pessoa, na cultura bantu sempre se afirmar a partir da comunidade: pertença logo sou. Daí o grande principio bantu: eu sou porque vós sois, e porque vós sois eu sou".

Por ensejo desse pensamento comunitário e de sua filosofia de vida, é que os negros bantos representavam tanto perigo para os senhores. A cultura bantu é grande defensora da vida e tem uma ligação espiritual com a terra e a natureza no geral. O povo bantu vê todos os integrantes como uma única unidade, uma grande família, vivem de maneira plena, pois a morte para eles é apenas uma passagem para uma outra vida. Notamos nesse trecho de *Ponciá Vicêncio* a influência bantu na escrita de Evaristo.

Nêngua Kainda adormecera. Um sol quente batia em sua pele negra enrugada pelas dobras dos séculos. Em silêncio, ela adentrava um sono tão profundo do qual só acordaria quando tivesse ultrapassado os limites de um outro tempo, de um outro espaço e se presentificasse ainda mais velha e mais sábia, em um outro lugar qualquer. (EV, 2017, p. 99).

Percebemos na citação supramencionada, que quando o narrador fala da morte de Nêngua Kainda, fala dela como um sono profundo que quando a passagem se completar a Nêngua acordara em outra dimensão que seria uma extensão dessa vida ainda mais sabia, que era aqui nesta terra.

Conforme explicado acima, mesmo diante de todos os obstáculos que o povo bantu enfrentou, conseguiram salvar muitos dos seus costumes e ritos. A cultura *bantu* também influenciou a cultura brasileira, se mesclando de forma forte na música, na religião, na mitologia e na dança.

Cantou alto uma cantiga que aprendera com o pai, quando eles trabalhavam na terra dos brancos. Era uma canção que os negros mais velhos ensinavam aos mais novos. Eles diziam ser uma cantiga de voltar, que os homens, lá da África, entoavam sempre, quando estavam regressando da pesca, da caça ou de algum lugar. (EV, 2017, p.75)

Para C.B (2018) a cultura bantu sobreviveu até a perseguição da igreja católica que, através do ministro Rui Barbosa, mandou queimar todo acervo histórico dessa cultura no Brasil. Mesmo em meio a tantas diversidades, a cultura bantu teve grande contribuição na construção de uma outra cultura, a cultura afro-brasileira:

Colaboraram em grande parte com o ritual folclórico brasileiro, como o congo de ouro, a congada (que lembra a rainha Ginga de Angola), o maculelê, a capoeira, o maracatu, o samba, e ainda artes manuais dos hábeis Bantús. Grande parte da cultura Bantú e seu acervo foi destruída quando o ministro Rui Barbosa queimou as obras dos arquivos que falavam dos Bantús, obras escritas pelos Apelegís (sacerdotes) da cultura Bantú, discriminando a raça, que ainda nos dias atuais é criticada pelos herdeiros de outras nações de candomblé, esquecendo-se que a cultura Bantú é a portadora dos grandes segredos da força da natureza: é a cultura Bantú a dona dos segredos das KISABA ZAMBIRI (Folhas sagradas). (C.B, 2018, p.255-256).

Sendo assim, percebemos a importância da cultura bantu na construção étnico-racial dos negros aqui no Brasil. Podemos perceber, conforme citado acima, que esse quadro remete ao quanto o povo brasileiro é mestiço e que somos mais africanos do que os preconceitos de muitos querem aceitar. Não é exagero afirmar que esse tema de ancestralidade e negritude é uma pauta que está em evidência principalmente na literatura afro brasileira como se pode ver na fala de Duarte:

Acredito, pois, na maior pertinência do conceito de literatura afro-brasileira, presente em nossos estudos literários desde o livro pioneiro de Roger Bastide (1943), com os equívocos, é certo, que aquele momento não permitia a ele superar [...]. E também presente nas reflexões de Moema Augel e, mais enfaticamente, de Luiza Lobo (1993, 2007). Adotado, enfim, por praticamente todos os que lidam com a questão nos dias de hoje, inclusive pelos próprios autores do Quilombhoje, seja nos subtítulos dos Cadernos Negros, seja no próprio volume teórico-crítico lançado pelo grupo, em 1985, com o título de Reflexões sobre a literatura afro-brasileira. (DUARTE, 2014, p. 28.)

Duarte discute na citação supramencionada, a importância que têm os estudos realizados em torno da literatura afro-brasileira, para dar a ela uma maior visibilidade e respaldo teórico, para que com esses esforços ela possa ser vista como uma literatura, com características que lhe torna única. Como também ele nos mostra a importância do Quilombhoje, já mencionado nesse trabalho para uma propagação dessas vozes literárias negras.

4.1 Representação Bantu em Ponciá Vicêncio

Impetrar-se é dizer que a escrita de Conceição Evaristo está impregnada de toda sua etnicidade, pois ela invoca, em toda a narrativa, os costumes, a língua, as crenças do povo negro. Neste contexto, fica claro que o seu fazer literário parte de um lugar específico de fala. Fica manifesto também na narrativa analisada, que a escritora coloca fortemente os elementos característicos de uma escrita afro-brasileira. Evaristo coloca em seu romance, o negro como personagem principal e permeia toda a evolução de sua história ao redor desse negro, mostrando como ele vive, seus anseios, suas lutas, suas derrotas e principalmente como eles se relacionam com eles e com os seus. Segundo Evaristo (2010, p.5) "Quando falamos de sujeito na literatura negra, não estamos falando de um sujeito particular, de um sujeito construído segundo uma visão romântico-burguesa, mas de um sujeito que está abraçado ao coletivo".

É interessante, aliás, analisar toda a influência Bantu na narrativa e como a escritora coloca de forma exímia, o passado e o presente convivendo juntos na personagem principal Ponciá. Como essa personagem vê o mundo a seu redor, como ela se relaciona com ela mesma e tudo que lhe cerca, em uma relação única,

Ponciá Vicêncio gostava de ficar sentada perto da janela olhando o nada. Às vezes se distraía tanto, que até esquecia da janta e quando via o seu homem estava chegando do trabalho. Ela gastava todo o tempo com o pensar, com o recordar. Relembrava a vida passada, pensava no presente, mas não sonhava e nem inventava nada para o futuro. O amanhã de Ponciá era feito de esquecimento. (EV, 2017, p.18)

Podemos observar dois aspectos na fala acima, pode-se ver que o esquecimento do futuro era a falta de perspectiva para o amanhã, uma desesperança que só evolui ao longo da narrativa, a ponto de a personagem enlouquecer. Por outro lado, a cultura Bantu, mostra o viver um dia de cada vez, a incerteza de um amanhã faz com que esqueçamos, até certo ponto, o futuro. O passado é vida, é história, é a concretude, já o futuro é a incerteza, é o provável e por isso não é tão valorizado. Dessa forma, percebe-se que o valor à cultura, à história de um povo é uma forma de mantê-lo vivo, pois o futuro pode representar

até a perda dessa memória e assim, a negação desse povo. Daí a importância de cultivar o passado.

Toda a narrativa é transpassada pelo arauto que é represento na personagem Nêngua Kainda, ela é, na terra dos negros, como uma adivinha e curandeira que em bantu se diz (kimbanda), pois nessa comunidade ela possuía essas duas funções, via o futuro e dominava a arte de infusões medicinais e rezava para todos os males. "Nêngua Kainda, aquela que tudo sabia, mesmo se não lhe dissessem nada" (EV, 2017, p. 108). Vemos aí, a resistência, mesmo que sofrida - sofrimento representado pelas condições físicas da personagem – da cultura Bantu, numa tentativa de Evaristo de asseverar uma identidade que foi machucada, mas não totalmente destruída. Nêngua Kainda, no romance, representa um elo que liga todos os personagens do romance, observemos:

Tinha o olhar vivo, enxergador de tudo. A velha pousou a mão sobre a cabeça de Ponciá Vicêncio dizendo-lhe, que, embora ela não tivesse encontrado a mãe e nem o irmão, ela não estava sozinha. (p.52)

Nêngua Kainda falando a língua que só os mais velhos entendiam, abençoou Luandi. Falou que a mãe do rapaz estava viva e que eles se encontrariam um dia. Falou de Ponciá também. (p.81)

No primeiro retorno não obtive sinal de nada, mas, quando voltou pela segunda vez, colheu notícias da filha. Nêngua Kainda falou dela. Ao regressar pela terceira vez, a velha Nêngua Kainda falou do filho e entregou o endereço que Luandi José Vicêncio tinha deixado. (p.91)

Conforme verificado, Nêngua Kainda tem um papel importante em todo drama. Trata-se inegavelmente de um personagem chave, pois ela representa a sabedoria dos mais antigos, falava uma língua que só os mais velhos falavam, entendia os rituais realizados pelo seu povo desde antes da escravidão, seria um erro, porém, atribuir a ela alguma divindade, pois ´trata-se apenas uma mulher dotada de saber ancestral e responsável para passar para os mais novos a cultura de seu povo e seus conhecimentos. Assim, reveste-se de particular importância a presença dessa figura ou outra com características semelhantes na literatura afro descente. Sob essa ótica, ganha particular relevância para o desenvolvimento do enredo a presença de Nêngua Kainda que segundo Nei Lopes (2007) (A Grande Mãe d'Água, em quicongo), pois, ela assume vários papéis importantes dentro de sua comunidade.

O angarô (nkiss) é outro elemento bantu que se faz presente no romance de Evaristo e tem fundamental importância para a construção da personagem principal

Ponciá. Os ancestrais vivem nas profundezas das águas, e o angarô segundo a mitologia bantu seria uma cobra colorida que vai beber água no céu. Evaristo (2017, p.111) "lá fora, no céu cor de íris, um enorme angarô multicolorido se diluía lentamente, enquanto Ponciá Vicêncio, elo e herança de uma memória reencontrada pelos seus, não se perderia jamais, se guardaria nas águas do rio". Explicando assim a relação tão forte que Ponciá tinha com o rio. Segundo também a crença bantu a menina que passasse por baixo do angarô (arco-íris) se transformaria em menino, essa crença bantu também ficou enraizada em nossa cultura brasileira, pois quem quando menina não ouvia de sua vó a mesma coisa? Ponciá quando menina morria de medo de medo de virar menino. Essa crença era tão forte na vida dela e que mesmo adulta, tinha dificuldade de se desfazer delas.

Um arco-íris bonito, inteiro, bipartia a morada das águas suspensas. Passou a mão pela testa como se quisesse apagar tudo que estivesse pensando. Um receio antigo revisitou-a e insistiu em seu corpo. Quando menina, pensava que se passasse debaixo do arco-íris poderia virar menino. (EV, 2017, p.14)

Ponciá passou por várias perdas ao longo da história, uma delas foi o aborto espontâneo de 7 filhos. Como em outras culturas o número sete tem uma significação muito grande no bantu "As perdas dos sete filhos podem ter sido proporcionadas pela — força que existe no nkixi foi retirada da água, por meio da argila, por um antepassado". (MARTINS, 1958, p. 68 apud Dionisio, 2013, p. 76)

Segundo C.B (2018) acredita-se que o número, é o número da purificação do equilíbrio espiritual. Conforme explicado acima nada na vida de Ponciá foi por acaso, mesmo em meio ao vazio de seus braços, ela percebeu que a vida que tinha para ofertar aos seus filhos, não era boa. Fica claro por exemplo quando ela diz "bom mesmo que os filhos tivessem nascidos mortos, pois, assim se livraram de viver uma mesma vida". (EV, 2017, p.71).

De acordo com C.B (2018, p. 20):

A trindade superior representada simbolicamente pelo número 3 e o quaternário elemental pelo número 4 (fogo, ar, água, terra). A adição do número 3 (trindade superior) ao número 4 (elementais) dará a soma do número 7, que simboliza o ser humano divinizado, característica própria dos iniciados. Assim ele representa o ser humano com todas as suas possibilidades de evolução. O iniciado pode e deve persistir para que nele se desenvolvam os sete centros magnéticos (chakras, falado esotericamente), chamados BOTHÉ pelo povo angolano, que lhe permitirão todo um desenvolvimento espiritual, acumulando as energias dos Jinkisi. (C.B, 2018, p.20).

A vida da protagonista é marcada por várias perdas. A primeira e a mais marcante foi a morte de seu Vô Vicêncio, pois mesmo que tenha ocorrido quando ela ainda era muito pequena, esse fato permeou toda a vida de Ponciá. Depois veio a morte do pai, em seguida a saída dela do povoado, quando se separa não só da terra natal, como também de sua família. E posteriormente a morte consecutiva dos sete filhos. No entanto, a morte para o povo bantu, não quer dizer final de uma existência e sim o início de uma outra:

Se para o congolês o poder dos antepassados manifesta-se na vida material e, também, na espiritual, significa que os mortos estão entre os vivos continuando a fazer parte ativa do clã, continuam em perfeita harmonia com os seus descendentes, interferem nos atos dos vivos, causam-lhe doenças, ou os curam, enfim, diminuem ou reforçam a sua força vital, lhes proporcionam coisas boas ou ruins, lhes provocam sonhos agradáveis ou pesadelos. (DIONISIO, 2013, p. 74)

Fica evidente, diante desse quadro que a autora coloca como pano de fundo da narrativa, a cultura *bantu*, que serve como teia condutora do enredo e rege a vida dos personagens. Evaristo apresenta ainda outros elos de sua etnicidade, ancestralidade e de sua escrevivência no romance. Podemos encontrar alguns fatos que se assemelham à realidade e a maneira de ver a vida nos entremeios de suas obras, nas quais a ficção e a realidade se emaranham:

Havia anos que eu estava fora de minha cidade natal. Saíra de minha casa em busca de melhor condição de vida para mim e para minha família: ela e minhas irmãs tinham ficado para trás. Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e todas as mulheres de minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas as nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias (EVARISTO, 2010, p. 173-174 apud PONCE e GODOY, 2014, p. 167).

Percorreremos também, a ligação que há entre Ponciá e o barro, um dos mais fortes elos entre a personagem e sua ancestralidade. Para o povo bantu, o barro tem uma ligação direto com os mortos, porquanto ficam nas profundezas dos rios, local onde a crença bantu acredita que vive os espíritos.

Sendo presentes os antepassados na comunidade e tendo ascendência sobre os seus descendentes, uma representação muito comum no Congo seria a estatutária. Se as mesmas são confeccionadas de argila que é o elemento primordial e é —extraída do leito de um rio ou do fundo de uma lagoa ou pântano que, [...] são a residência dos espíritos dos mortos. (MARTINS, 1958, P. 68 apud DIONÍSIO, 2013, p. 75).

Ponciá tem com o barro uma ligação de ancestralidade, pois desde os primórdios, antes da escravidão, quando seu povo ainda vivia livre em seu país natal, eles já dominavam a arte de trabalhar o barro dando-lhe formas e utilidade. E ela sentia essa união desde muito cedo como se nascesse sabendo a arte:

Já bem pequena, ela entendia o barro e ia ao rio buscar a massa. Sabia qual era a melhor, qual a mais macia, a mais obediente. Reconhecia aquela que aceitava de bom grado o comando das mãos, traduzindo em forma e desejos de quem cria. Ela conhecia de olhos fechados a matéria do rio. (EV, 2017, p. 66)

Essa arte também era passada de mãe para filha, sendo assim, o barro também ligava Ponciá Vicêncio a sua mãe, Maria Vicêncio, com a qual aprendera a arte. Ela e a mãe ficavam em casa construindo seu mundo em pequenas miniaturas de barro, que serviam como utensílios do lar, como também de fonte de renda para a família. Já o pai de Ponciá e seu irmão Luandi, trabalhavam em processo de semiescravidão na terra dos brancos. Ponciá no tempo que viveu na cidade, sofreu muito separada de suas raízes, de sua família e do barro, suas mãos chegavam a coçar de saudades de manusear o barro, tinha dias que ela coçava tanto que chegava a sangrar. “Era de Vô Vicêncio aquele odor de barro! O homem chorava e ria. Ela beijou respeitosamente a estátua sentindo uma palpável saudade do barro. Ficou por uns instantes trabalhando uma massa imaginaria nas mãos” (EV.2017, p. 65)

E quanto mais tempo Ponciá ficava longe do barro mais ela ficava longe da realidade, parecia que sua arte fosse uma Válvula de escape, na qual ela se refugiava para suportar seus infortúnios. Nesse caso, o barro funciona também como um alento, como algo que ajudasse a suportar a vida que não aguentava viver.

O barro, além de vincular Ponciá a sua ancestralidade, ele também serve como elo entre Ponciá e a família. Quando Ponciá retornar à Vila e à casa de pau-a-pique, na qual tudo dentro dela era feito de barro, desde o chão de barro batido e escorregadio, aos utensílios. Cada cantinho a fazia lembrar dos entes queridos, a presença deles, dos vivos e dos mortos era tão forte que suas narinas sentiu o cheiro do café feito pela mãe, das broas de fubá. Ouvia os pais conversando no quartinho, ouvia os risos e o choro do avô. E o irmão, Luandi, ao visitar estando em uma mostra de artesanato, no lugar onde estava morando, fica parado e perplexo

diante das obras feitas pela mãe e irmã, tocando em cada peça como se estivesse a tocá-las, nesse momento sentiu que um dia haveria de reencontrá-las.

Contudo, não há ligação maior que a de Ponciá com seu avô Vicêncio. O avô de Ponciá morreu quando ela ainda era menina de colo, porém ela lembrava mais dele do que de seu próprio pai. Ponciá se lembrava tanto dele que fez uma estátua perfeita dele, sua semelhança era tanta que “Sim, era ele. Igualzinho! Como a menina se lembrava dele? Ela era tão pequena, tão de colo ainda, quando o homem fez a passagem. Como, então, Ponciá Vicêncio havia guardado todo o jeito dele na memória? (EV, 2017, p.20).

Além disso, é incontestável a semelhança de Ponciá com ele, por onde passava, todos se espantavam com tanta semelhança. Não era só a similaridade da aparência física que impressionava, uma vez que Ponciá herdou também dele todos os seus gestos e até a maneira de andar “andava com um dos braços escondido às costas e tinha a mãozinha fechada como se fosse cotó [...] Quando o avô morreu, a menina era tão pequena! Como agora imitava o avô? Todos se assustavam” (EV,2017, p.16).

Entretanto, o que vai mais além de todas essas questões de semelhanças é que a nosso ver, Ponciá e o avô parecem dividir o mesmo espírito, pois viam a vida e reagiam a ela da mesma forma. Como se fosse o mesmo espírito vivendo e reagindo a escravidão em tempos diferentes. Um reagiu a escravidão num rompante de loucura, foi sua maneira de escapar de tantos infortúnios vividos e guardados por anos de escravidão.

Numa noite, o desespero venceu. Vô Vicêncio matou a própria mulher e tentou acabar com a própria vida. Armado com a mesma foice que lançara contra a mulher, começou a autoflagelar decependo a mão. Estava louco chorando e rindo. Não morreu o Vô Vicêncio, a vida continuou com ele independente de seu querer. [...] assistiu chorando e rindo aos sofrimentos, aos tormentos de todos. E só quando acabou de rir todos os seus loucos risos e de chorar todos seus insanos prantos, foi que Vô Vicêncio quedou-se calmo. (EV,2017, p.44-45)

Nêngua Kainda dizia que Ponciá herdaria algo do avô. No entanto notasse que essa herança vai mais além que traços genéticos carnais, essa ligação parece vir da alma. É como se o avô morresse para que seu espírito pudesse retornar na neta e ela desse continuidade a seu legado, como se em uma vida só, não pudesse

comportar tanto sofrimento. Percebe-se aí a continuidade de uma cultura ancestral, e a perspectiva Bantu de ver a relação de herança ancestral. É interessante também observar que Ponciá já chorava no ventre da mãe, como se soubesse o que a vida lhe reserva de sofrimento a ser vivido. Outro fato importante a ser analisado é que logo após a morte de seu avô Ponciá se pôs de pé e começou a andar igual ao avô, como se realmente um fosse a continuação do outro.

Ponciá Vicêncio, aquela que pranteado no ventre materno, e que gargalhara nenéns sorrisos ao nascer, tinha risos nos lábios, enquanto todo seu corpo estremecia num choro doloroso e confuso. Chorava, ria, resmungava. Desfiava fios retorcidos de uma longa história. Andava em círculos, ora com uma das mãos fechada e com o braço para trás, como se fosse cotoco, ora com as duas palmas abertas, executando calmos e ritmados movimentos, como se estivesse moldando alguma matéria viva. (EV,2017, p.110)

Toda a obra é permeada por crenças, superstições e divindades do povo negro Bantu, uma delas é que Ponciá ainda menina viu no Milharal ao lado de sua casa uma mulher muito alto, magra e invisível, figura que amedrontava as crianças negras, mas a Ponciá não, afirmando mais ainda essa ligação de personagem com sua ancestralidade “Um dia, nessa brincadeira, ela viu uma mulher alta, muito alta que chegava até o céu”. (EV. 2017, p. 13).

A sociedade tinha um arauto, que no romance era a negra Nêngua Kainda, essa figura é muito importante para a comunidade, pois além dela representa a sabedoria do povo e ser responsável e transmitir a cultura para os mais novos, é também a curandeira, responsável para rezar por todos os males, como também fazer as infusões medicinais. “Doentes houve que sararam com as garrafadas de Nêngua Kainda, levantaram da cama e tempos de vida tiveram para pecar outras vezes. ” (EV,2017, p. 26). Para afirmação do quanto a cultura Bantu influenciou a construção da cultura brasileira, encontramos uma crença muito conhecida e creditada aqui no Brasil, é a crença que devesse enterrar o umbigo dos filhos na terra que eles nasceram para que parte de seu ventre fique para sempre ligado a terra onde um dia irá se enterrar.

Os filhos tinham ido, mais voltariam um dia, seriam chamados. No ventre da terra, pedaços do ventre deles também haviam sido enterrados. Maria Vicêncio repetira com os filhos o mesmo gesto antigo e benéfico, que a mãe dela tinha feito com ela um dia. (EV. 2017, p.90)

Por esse prisma, se pararmos para observar notaremos que absorvemos mais da cultura negra do que muitos querem aceitar.

5 IDENTIDADE: A CONSTRUÇÃO DO EU FEMININO NEGRO

*O nada e o não,
ausência alguma
borda em mim o empecilho.
Há tempos treino
o equilíbrio sobre
esse alquebrado corpo,
e se inteira fui,
cada pedaço que guardo de mim
tem na memória o anelar
de outros pedaços.
E da história que me resta,
estilhaçados sons esculpem
partes de uma música inteira.
Traço então a nossa roda gira-gira
em que os de ontem, os de hoje
e os de amanhã se reconhecem
nos pedaços uns dos outros.
Inteiros.*

(Poema "A roda dos não ausentes", de Conceição Evaristo)

Hall (2006) apresenta em seu texto três concepções de identidade. O sujeito do iluminismo, que é um sujeito centrado e unificado, o sujeito social que nasce da relação do eu com a sociedade e o sujeito pós-moderno que é o sujeito fragmentado, composto de vários *eus* e que sofre influência do meio para construção temporária de um eu, que vive em constante mudanças. Como bem nos assegura Bhabha (1998), identidade cultural nunca é algo pré-estabelecido e sim uma construção de imagem que é assumido pelo sujeito que se transformar ao assumir essa imagem.

Para Castells (1999, p. 23) identidade cultural serve para a construção de significado e experiência de um povo:

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religiosos. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que organizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espço. (CASTELLS,1999, p.23).

Como se pode verificar nessa citação, identidade cultural é aplicado na literatura e sociologia. Evidentemente a aplicação pode ser utilizada para identificar indivíduos que compartilham de uma mesma maneira de pensar, que compactuam a mesma crença, cultura e etc... Serve também como afirmação de pertencimento de um indivíduo a um determinado grupo social. Cita-se, como exemplo, Ponciá se identifica como mulher negra que compartilhar a cultura Bantu juntamente com todos de sua família e vila, partilham experiências, histórias, crenças e mitos que lhes foram passados por muitos séculos de geração a geração.

Se para Castells (1999, p. 24) existe uma identidade de resistência então Ponciá teria essa identidade uma vez que:

Identidade de resistência: criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos, conforme propõe Calhoun ao explicar o surgimento da política de identidade. (CASTELLS,1999, p.24).

Nesse sentido, identidade cultural permite que atores sociais se sintam pertencentes a um determinado grupo, no qual compartilham de um mesmo modo de vida. Logo, é importante compreender a identidade cultural não é mais vista como outrora, pois o sujeito moderno tem uma natureza fragmentada que a todo momento está em transformação. Nesse sentido, vamos exemplificar identidade cultural como um elo entre o sujeito e a estrutura.

Ponciá Vicêncio sai de sua aldeia em um processo de diáspora como seus antepassados em busca de si mesma, em busca de sua identidade. Ponciá era vazia até de nome, desde pequena não se reconhecia no seu nome. A beira do rio chamava por si mesma, para ver se sentia chamada e se podia ver-se em seu nome. A angustia desse vazio interior lhe perseguiu por toda vida adulta. Seu vazio era tão grande que ela dizia que podia ser chamada de “*nada*”.

O amanhã de Ponciá era feito de esquecimento. Em tempos outros, havia sonhado tanto! Quando mais nova, sonhara até um outro nome para si. Não gostava daquele que lhe deram. Menina, tinha o hábito de ir à beira do rio e lá, se mirando nas águas, gritava o próprio nome: Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia o próprio nome responder dentro de si. Inventava outros. Pandá, Malenga, Quietí, nenhum lhe pertencia também. Ela, inominada, tremendo de medo, temia a brincadeira, mas insistia. A cabeça rodava no vazio, ela vazia se sentia sem nome. Sentia-se ninguém. Tinha, então, vontade de choros e risos. (EV, 2017, p. 18)

É preciso, porém, ir mais além, Ponciá carregava mesmo sendo livre a marca do antigo senhor de seus avós, não tinha em sua pele a ferradura do senhor de escravos, porém carregava no nome a marca da escravidão dos seus ancestrais. É exatamente o caso de apagamento do eu, através do apagamento de identidade, Ponciá também se chamava *Vicêncio* como o antigo senhor. Por todas essas razões, vemos na obra de Conceição Evaristo, a marca da luta em busca da afirmação da identidade negra. É notório que isso resulta do quanto era intensa o poderio do branco sobre o negro pós-abolição e temo dizer que até na contemporaneidade. A colonização foi tão devastadora, que a intensão era apagar todas as relações que povo negro tinha com sua terra, com sua cultura, que até um nome lhe era negado a muitos e quando era dado, levava o nome que não lhe deixava esquecer sua condição de escravizado.

Ponciá Vicêncio sabia que o sobrenome dela tinha vindo antes do avô de seu avô[...] O pai, a mãe, todos continuavam Vicêncio. Na assinatura dela a reminiscência do poderio do senhor, um tal coronel Vicêncio. O tempo passou deixando a marca daqueles que se fizeram donos das terras e dos homens. E Ponciá? De onde teria surgido Ponciá? Por quê? Em que memória do tempo estaria escrito o significado do nome dela. Ponciá Vicêncio era para ela um nome que não tinha dono. (EV,2017, p.26-27)

Como podemos observar, a vida da protagonista foi marcada por essa busca constante por sua identidade, assim como os seus ancestrais trazido a força para uma vida de escravidão, para um lugar que não conheciam e nem queriam estar, privados da liberdade, privados da dignidade, privados até de um sonhar. Sonhar em voltar para sua terra, sonhar em ter uma vida de verdade, sonhar em ter uma identidade.

Uma coisa é posicionar um sujeito ou um conjunto de pessoas como o Outro de um discurso dominante. Coisa muito diferente é sujeitá-los a esse "conhecimento", não só como uma questão de dominação e vontade imposta, mas pela força da compulsão íntima e a con-formação subjetiva à norma. [...] A expropriação íntima da identidade cultural deforma e leva à invalidez. [...] Na história do mundo moderno, há poucas experiências mais traumáticas do que essas separações forçadas da África [...]. Os escravos [...] eram de diferentes países, comunidades tribais, aldeias, tinham diferentes línguas e deuses. (HALL,1996, p. 70)

Na escravidão, deixaram de ser gente e foram vistos como animais, animais sem alma, em um processo de animalização. Durante o período colonial, os colonos criaram para os negros, uma identidade, uma que não lhe pertencia, na qual tudo ligados a eles eram feio, impuro, selvagem e ruim. E até hoje na construção da

identidade negra há uma guerra para quebrar esses estereótipos, tentando assim apagar uma identidade imposta pelo poder europeu, e se autorrepresentar como indivíduos pensantes, belos, com defeitos, porém também com qualidades, como qualquer ser humano, que tenha direitos e com voz que se faça ouvir.

É interessante, aliás, observar que o conceito de identidade vem passando por mudanças ao longo dos tempos, mas há um fato que se sobrepõe a essas mudanças que são como o sujeito moderno se veem como um sujeito fragmentado nos dias atuais. Ponciá é representada no romance de Conceição Evaristo como sendo esse sujeito moderno fragmentado que tenta se encontrar ao longo da trama. Nesse sentido, segundo Hall (2003, p.346), “não nos constituem inteiramente, somos sempre diferentes e estamos sempre negociando diferentes tipos de diferenças – de gênero, sexualidade e de classe”.

Ponciá é apresentada no romance como um sujeito fragmentado, formado de vários *eus*. Esse sujeito pós-moderno sofre várias influências externas, principalmente nesse processo de globalização em que vivemos, uma vez que, o sujeito não é mais visto como unificado e sem mudanças ao longo da sua vida, como os sociólogos acreditavam antes. O sujeito de hoje, vai incorporando ao longo de sua vida, experiências que os torna um ser múltiplo e único.

Segundo Hall:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significações e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertantes e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p.13)

Ponciá quando sai de seu vilarejo para cidade em busca de novas oportunidades e de uma vida melhor para ela e para os seus. Essa transladação relembra a diáspora africana dos seus. “[...] conceito fechado de diáspora se apoia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um “Outro” e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora”. (HALL, 2006, p. 33). Essa busca por dias melhores de Ponciá nos remete ao movimento diásporo do povo africano chegado aqui no Brasil forçados pelos senhores escravocratas e que mesmo depois da abolição da escravatura, repele os negros agora em busca de inclusão e construção de uma vida melhor nas grandes cidades.

É importante ressaltar, que Ponciá como a grande maioria dos negros não encontrou em sua mudança a tão sonhada oportunidade esperada. Ponciá deparou-se com mais miséria e preconceito, as chances de emprego era a mesma que lá na roça, sempre em posição de subalternidade, além disso, tinha que lidar com a separação dos seus. A protagonista, foi recepcionada com a dura realidade, que o estigma de sua cor, iria lhe seguir para onde ela for, e que nada adiantava que era negra letrada, pois continuava sendo negra, e negra na cidade grande era para ser doméstica.

Ora, Ponciá passou sua primeira noite na calçada da igreja, dividindo a dormida com mais negros que se depararam com a mesma sorte que ela, nesse sentido, Ponciá fez diferente daqueles, que entreguem a situação, não reagiram e se entregaram a desventura. Essa versão não é a única pela qual cabe dizer que Ponciá era uma guerreira e que não se entregava fácil. Mesmo em meio a diversidade e sendo tão carente, sua alteridade, sua sensibilidade que é uma das características de seu povo bantu, falava sempre mais alto, pegou o pouco que tinha e dividiu com aqueles que julgou ter menos ainda. “Os velhos se encostavam por ali mesmo e estendiam os chapéus ou as latinhas[...] condoída com a sorte deles, Ponciá catou suas últimas moedas e ofereceu algumas.” (EV, 2017, p. 37).

Nessa parte do romance *Conceição* Evaristo, trabalhou de forma sinuosa outra questão muito debatida na escrita negra, que é a opressão social, as relações de classes sociais e mais precisamente a relação da igreja com os pobres. A autora faz uma crítica velada a igreja, pois, ela devia ser a primeira a cuidar dos oprimidos, porém se fazia de cega a situação de miserabilidade dos muitos que dormia todas as noites em sua calçada, passando frio e fome. “Viu o sacristão fechar a porta. O moço também viu abraçada a trouxa de seus poucos pertences. Quis pedir alguma informação, perguntar pelo padre e pedir a caridade de algum alimento e de um gole d’água, mas não teve coragem”. (EV, 2017, p. 35).

No entanto, Ponciá se manteve viva em seu peito a esperança de dias melhores, que iria comprar uma casinha e trazer sua mãe e seu irmão para morar com ela. A autora representa Ponciá, com a esperança e o espírito guerreiro de seu povo africano, colocando assim na protagonista mais características dos seus ancestrais. Só que Ponciá não contava que iria demorar tanto para conseguir tão pouco. Depois de muitos esforços e de trabalhar em regime de semiescavidão na

casa dos brancos, conseguiu comprar um barraco na favela, lugar predestinados aos negros da cidade.

A cana, o café, a lavoura, o gado, as terras, tudo tinha dono, os brancos. Os negros eram donos da miséria, da fome, do sofrimento e da revolta suicida. Alguns saíam da roça, fugiam para cidade, com a vida a se fartar na miséria, e com o coração a sobrar esperanças. Ela mesma havia chegado à cidade com o coração crente em sucessos e eis o que deu. Um barraco no morro. Um ir e vir das casas das patroas. Umas sobras de roupa e alimento para compensar um salário que não bastava. (EV,2017, p. 70)

Na passagem supramencionada Evaristo trata da desigualdade social, que é a principal herança que tantos séculos de escravidão deixou. Mesmo nos dias atuais mais de 80% da população da favela é negra, a maior parte das empregadas domésticas são mulheres negras e mais de 85% da população brasileira carcerária é negra. Tudo isso são resquícios de uma colonização desumana que diante da abolição da escravatura, lançou os negros ao léu, sem nenhuma reparação e muito menos com condição de construir uma vida mais digna. Sendo os ex escravos relegados as periferias da vida, e muita das vezes diante da falta de oportunidades e do desespero, muitos se entregaram a marginalidade.

Com o fim da escravidão muitos recém-libertos partem para as cidades em busca de um tão sonhado desejo de liberdade. Atraídos por anúncios de novos tempos, de novas e melhores possibilidades de emprego, os agora libertos se deparam com a barreira da discriminação. Mais uma vez são excluídos do discurso oficial de progresso, sendo relegados aos morros, guetos, becos e favelas. A história parece se repetir mais uma vez, sem fim. (MARINGOLO, 2014, p. 107)

Ponciá lutou a todo momento contra essa repetição de sina, a qual os seus estavam destinados, lutou tanto que em meio a toda essa luta em busca de uma vida melhor, a luta para superar a perda dos seus, a luta contra a realidade que teimava em assombra-la, e a luta contra as diversas perdas consecutivas, Ponciá ia se perdendo cada vez mais em si, e a herança de Vô Vicêncio se fazia presente cada dia mais. Ponciá vivia em recordar, recordar seus tempos felizes, recordar quando se sentia segura, recordar quando gostava de ser menina, como discuti Descartes a escrever “eu penso logo existo”, acho que Ponciá só existia para si mesma quando estava a pensar. Em meio a tantas lutas travadas e a tão poucas vitórias alcançadas, Ponciá cansada de apenas existir, cansada de não ver nada mudar, desde o tempo de seus avós até os dias atuais, se põe a pensar se realmente vale apenas continuar a lutar.

De que adiantara a coragem de muitos em escolher a fuga, de viverem o

ideal quilombola? De que valera o desespero de Vô Vicêncio? Ele, num ato de coragem-covardia, se rebelara, matara uns dos seus e quisera se matar também. O que adiantara? A vida continuava até os dias de hoje. Sim, ela era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia. Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida. (EVARISTO, 2017, p.71-72).

Como podemos observar na citação acima, Ponciá critica a falsa liberdade que os negros viviam e infelizmente muitos ainda vivem. A protagonista relata que ao menos na escravidão, os negros sabiam de sua real situação e rebelavam-se contra ela, formando frentes de batalhas e construindo quilombos. Esse ideal quilombola que ela fala, é o ideal de vida, é a esperança de dias melhores. Já o que ela vive, é uma falsa liberdade que ela não sabe como suportar.

A mulher negra sofre tripla opressão, sofre opressão do homem negro, do homem branco e da mulher branca. Nossa personagem principal, sofreu essas três opressões, porém a que mais a marcou foi a opressão do homem negro, que deveria ser seu igual e compartilhar com ela sua história de vida. Evaristo coloca como marido de Ponciá um homem violento, que no primeiro momento o leitor cria uma certa repulsa dele, em solidariedade a protagonista. Todavia, no decorrer da narrativa, observamos que esse personagem é apenas mais uma vítima do sistema opressor, racista e desigual em que vivemos. Sua atitude violenta, é a reação de defesa a todas essas opressões sociais que esse personagem masculino sofre.

Desde o dia em que o homem de Ponciá havia batido nela tanto, a ponto de fazer sangrar lhe a boca, depois condoído do sofrimento que infligira à mulher, nunca mais ele a agrediu e se tornou carinhoso com ela. Foi tanto pavor, tanto sofrimento, tanta dor que ele leu nos olhos dela, enquanto lhe limpava o sangue, que descobriu não só o desamparo dela, mas também o dele. Descobriu o quanto eram sós. Percebeu que cada um tinha os seus mistérios. [...] Desde então, ao perceber a solidão da mulher e a sua própria, o homem viu na mulher o seu semelhante e tomou-se de uma imensa ternura por ela. ((EVARISTO, 2017, p. 93).

Evaristo, nesse contexto, coloca o leitor a refletir sobre a condição da mulher de uma forma geral e a violência doméstica, uma vez que o casal deveria ser composto de seres iguais e não de uma autoridade e um submisso. Contudo, toda essa violência sofrida por Ponciá deixa ela mais voltada para dentro de si, perdida em seu pensar, ela preferia esquecer que tudo que sonhou era apenas ilusão e para menos sofrer, perdia-se mais e mais em seu recordar: “Ponciá gastava a vida em recordar a vida. Era também uma forma de viver” (EV, 2017, p. 79).

Outro fator importante para a construção do “eu” de *Ponciá Vicêncio*, é a maternidade. Ponciá foi uma moça como a maioria delas que sonhava em um dia casar e ter filhos. Ela testemunhando ao relacionamento de sua mãe com seu pai, pensava em um dia ter um relacionamento igual, sonhava em ter um homem que fizesse o que ela mandasse e que fossem felizes, com a casa rodeada de filhos. Esse sonho foi mais uma das frustrações na vida de Ponciá, seu casamento não era amistoso como podemos observar no trecho supracitado. Entretanto, a perda dos filhos foi uma das perdas mais difíceis para ela como mulher superar, “Ponciá havia tecido uma rede de sonhos e agora via um por um dos fios dessa rede destecer e tudo se tornar um grande buraco, um grande vazio” (EV.2017, p.24).

Ponciá buscava conforta-se dessas perdas, em saber que seus filhos com ela não teria uma vida muito melhor, que a que ela teve. Mostrando assim o estigma da escravidão alcançando muitas gerações depois de seu suposto fim.

Quando os filhos de Ponciá Vicêncio, sete, nasceram e morreram, nas primeiras perdas ela sofreu muito. Depois, com o correr do tempo, a cada gravidez, a cada parto, ela chegava mesmo a desejar que a criança não sobrevivesse. Valeria a pena pôr um filho no mundo? Lembrava de sua infância pobre, muito pobre na roça e temia a repetição da mesma vida para os seus filhos.” (EV, 2017, p. 70)

É importante, aliás, notarmos um outro elemento de suma importância para construção desse *eu feminino* em *Ponciá*, que é a relação dela com o barro. Essa ligação é algo que vai mais além que uma simples afinidade e que vai mais além até da dor da perda de seus filhos, Ponciá durante a separação dos seus, carregou na memória sua família e o barro. O barro e Ponciá tinha um elo que só sua ligação com sua ancestralidade poderia explicar, o manuseio com o barro era como estar de volta a África, era como estar de volta com os seus, era como voltar para casa. O trabalho com o barro é uma arte milenar que veio da África no processo diásporo trazido pelo seu povo. Então o barro representa também essa ligação que o povo negro tem com sua terra e seus ancestrais. A autora exibindo esse artifício no seu romance corrobora ainda mais com a tese que ela coloca em seus textos toda sua etnicidade e exaltação da cultura Bantu nesta obra. Ponciá tinha muita saudade de casa, de trabalhar o barro, tinha saudade dos mortos e dos vivos.

“[...] Ela beijou respeitosamente a estátua sentindo uma palpável saudade do barro. Ficou por uns instantes trabalhando uma massa imaginária nas mãos. [...] ouviu murmúrios, lamentos e risos... Era Vô Vicêncio, apurou os ouvidos e respirou fundo. Não, ela não tinha perdido contato com os mortos. E era sinal de que encontraria a mãe e o irmão vivos. (EV,2017, p.65)

O povo Bantu é muito ligado ao seu passado e a seus mortos, como também já foi discutido no capítulo anterior, o barro representa essa dupla ligação, a ligação com os mortos e com sua terra natal. Outra característica interessante na cultura bantu é que é um povo que crê muito em destino, ou seja, aquilo que está predestinado para si, não importa o que você faça e nem para onde você vá, o que tiver escrito será cumprido na sua vida. Sendo assim, podemos entender essa saudade que Ponciá tem do barro, como que ela estivesse ansiosa pelo seu destino mesmo que inconscientemente, pois era uma coisa que vinha muito antes dela, sua mãe trabalhava o barro. “Essa descrição dos trabalhos que mãe e filha fazem, demonstram a ligação que as personagens têm com o barro e dão-nos a dimensão da memória coletiva e que pode estar ligada a mesma memória dos congolezes e suas aproximações com a ancestralidade, contida nesses trabalhos”. (DIONISÍO, 2013, p.75). Ponciá nasceu para ser ceramista, pois ela entendia o barro como ninguém, bem pequena sabia a melhor massa, conhecia a mais obediente, sentia o cheiro do barro e sentia que ele a chamava, tinha dias que esse chamado era tão forte, que ela coçava a mão até ela sangrar, em uma urgência que só seu íntimo entendia. Como podemos observar, o barro é um elemento essencial na constituição da protagonista.

5.1 Lugar de fala, voz feminina e negra em Ponciá

Hoje...

*Hoje estilhaço as correntes que me agrilhoam desde minha
ancestralidade
Hoje digo quem sou e para onde vou
Hoje decido sem medo o caminho que quero traçar
Hoje abro as ferraduras que prendiam os meus ancestrais
Hoje escrevo por me e aqueles que foram silenciados
Hoje luto e vivo sem medo do capitão do mato
Hoje dou voz aos entes silenciados
Hoje digo sem vergonha "sou mulher e sou negra"
Hoje não aceito amarras
Hoje escrevo uma nova história, uma história de dentro para fora
Hoje quebro com o silenciamento
Hoje me autorrepresento
Hoje sou mais mulher e negra
Hoje eu alço a minha voz
(Simone Bezerra, 2018)*

Em primeiro lugar quero deixar claro aqui, que quando me refiro ao de lugar de fala, não falo no simples enunciar de palavras, estou falando de discutir a partir de um lugar social (*locus social*), expressar nossa voz no sentido de existência, no sentido de discutir de forma intrínseca e complexa as representações de lugar no poder. Ribeiro nos diz que “não estamos falando de indivíduos necessariamente, mas das condições sociais que permitem ou não que esses grupos acessem lugares de cidadania” (RIBEIRO, 2017, p. 61)

Do mesmo modo, nessa análise não quero colocar o lugar de falar como narração de experiências individuais voltada apenas para si, numa perspectiva essencialista, mas quero colocar lugar de fala como lugar em que ocupo na sociedade e as dificuldades que esse lugar me impõe para ser ouvida e quais as chances que tenho para transcender esse lugar que a me foi imposto por uma sociedade desigual, falocêntrica, patriarcal e branca. Trata-se de considerarmos as relações dos grupos sociais no poder, levando em consideração o gênero, raça e classe na construção dessa fala. Ribeiro (2017) diz para não confundirmos lugar de fala com representatividade, pois uma pessoa branca pode falar de racismo e o impacto que esse preconceito tem sobre as classes subalternizadas e silenciadas.

Pelo contrário, todas as pessoas possuem lugares de fala, uma vez que a

discussão é sobre localização social e o mais importante é que “indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de locus social consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares dos grupos subalternizados” (RIBEIRO, 2017, p. 86)

Sendo assim, quando falamos de fala é pensando em um lugar social, e não estamos nos referindo nas experiências individuais, mas como esses indivíduos sociais por participarem de determinados grupos sociais compartilham, essas experiências e como essas experiências permeiam essa dominação que impedem que essa voz alcance determinados lugar de poder.

As experiências desses grupos localizados socialmente de forma hierarquizada e não humanizada faz com que as produções intelectuais, saberes e vozes sejam tratadas de modo igualmente subalternizado, além das condições sociais os manterem num lugar silenciado estruturalmente. Isso, de forma alguma, significa que esses grupos não criam ferramentas para enfrentar esses silêncios institucionais, ao contrário, existem várias formas de organizações políticas, culturais e intelectuais. A questão é que essas condições sociais dificultam a visibilidade e a legitimidade dessas produções. Uma simples pergunta que nos ajuda a refletir é: quantas autoras e autores negros o leitor e a leitora, que cursaram a faculdade, leram ou tiveram acesso durante o período da graduação? Quantas professoras e professores negros tiveram? Quantos jornalistas negros de ambos os sexos, existem nas principais redações do país ou até mesmo nas mídias ditas alternativas? (RIBEIRO, 2017, p.63)

Ora, levando em consideração a citação acima e tudo o que foi debatido no início dessa seção, notamos a grande importância de debates feitos em relação a obra literária de escrita negra, como maneira de visibilizar essa voz social que a muito foi silenciada e que aos poucos se alça no meio literário.

Dessa forma, nos debruçaremos na análise dessa voz feminina e negra em *Ponciá Vicêncio*, em que iremos observar como essa voz é manifestada na escrita de Conceição Evaristo. A própria Evaristo discute tal importância;

Apropriar-se da sua história e de sua cultura, reescrevê-la segundo a sua vivência, numa linguagem que possa ser libertadora, é o grande desafio para o escritor afro-brasileiro. Ele escreve, se comunica através de um sistema linguístico que veio aprisioná-lo também, enquanto código representativo de uma realização linguística da cultura hegemônica. (EVARISTO, s.a., p.05/06 apud MARINGOLO, 2014, p. 15)

Entretanto, antes de analisarmos de fato a colocação dessa voz feminina negra dentro da obra, se faz necessário fazermos uma breve análise do foco narrativo colocado na obra. A obra *Ponciá Vicêncio* tem um narrador onisciente, esse tipo de narrador é aquele que tudo vê e tudo sabe, ele sonda os pensamentos

e sentimentos de todos os personagens da obra, levando o leitor a uma visão profunda da história. E a história ao mesmo tempo é construída no discurso indireto livre. Segundo Ligia Chiappini (s/a,p.89) “Todorov e Ducrot, no seu Dicionário..., o indireto livre comporta as marcas de tempo e pessoa do discurso indireto (do autor), mas tem sua estrutura semântica e sintática penetrada das propriedades do discurso direto (da personagem) ”. O uso desse tipo de discurso é perfeito para um enredo memorialístico, uma vez que a obra é contada através da memória dos personagens principalmente no caso a da protagonista Ponciá.

[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço toda da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 1979, p.09 apud MARINGOLO 2014, p. 66)

A narrativa não segue uma ordem linear, ela começa com Ponciá já adulta lembrando dos seus tempos de menina lá na vila Vicêncio na zona rural. Toda história é contada em um vai e vem de acontecimentos não cronológicos, mas interligados por fatos marcantes da vida de Ponciá e sua família. O enredo mescla o passado e o presente, convivendo lado a lado, esses mesmo passado e presente formam o *eu* de *Ponciá*. A memória não linear é a estrada que conduz toda trama de Evaristo “a memória surge como elo das personagens com o seu passado e como meio de resgate e reafirmação identitários”. (PONCE e GODOY, 2016, p.22). Maringolo traz uma citação de Bezerra que esclarece a importância da memória na criação literária contemporânea como resgate de uma memória coletiva de um povo;

Esse cenário nos ajuda a entender a ênfase que se tem à memória nas últimas décadas. Não se pode esquecer que, dentre as tecnologias empregadas para fomentar laços entre os indivíduos, a memória assume um papel primordial. A memória coletiva, nesse caso, funciona como um quadro social que retém certos fatos, valores e crenças que passam a ser percebidos como pontos de referência para indivíduos e comunidades. Dada a multiplicidade de interesses envolvidos na construção da memória, o processo de elaboração de uma memória coletiva é sempre caracterizado por conflitos que têm sua raiz na tensa negociação em torno da definição de uma cartografia do passado. (BEZERRA, 2007, p.38 apud MARINGOLO 2014 p.109)

Como podemos observar, não foi à toa que autora escolheu esse foco narrativo para escrita do seu romance, uma vez que sua intencionalidade era de

resgatar a memória coletiva do povo negro em um processo de resistência e afirmação da identidade negra.

Recorrente na produção de Conceição Evaristo, a memória como fio condutor da narrativa desperta atenção por ser um artifício literário que une forma e conteúdo para tratar de questões referentes à identidade, à hereditariedade e ao resgate da história do povo negro. (PONCE e GODOY, 2016, p.22)

Percebemos que a memória em Ponciá é mais que um elo com seu passado, podemos também entender que Ponciá, ao ficar imersa em sua memória, seria uma tentativa de um auto reconhecimento, de um achamento do *eu*. Em toda a trama, Ponciá gasta seus dias no recordar, no recordar seu tempo de menina, um tempo que era feliz e não sabia. “Naquela época Ponciá Vicêncio gostava de ser menina. Gostava de tudo. Gostava. Gostava da roça, do rio que corria entre as pedras, gostava dos pés de pequi, dos pés de coco-catarro, das canas e do milharal. [...] Tudo era tão bom” (EV.2017, p.13). Seu olhar de menina, não a deixava ver tudo o que implicava nascer mulher, negra e pobre. Rodeada da proteção da família sem a preocupação que uma vida adulta carreta, ela vivia despreocupada e alheia até de seu lugar social e o quanto seu *locus social* lhe impediria mais tarde de conquistar os sonhos acalentados desde menina.

O tempo foi passando e Ponciá foi crescendo e seu olhar não era mais de menina e sim de uma mulher adulta que conseguia perceber as desigualdades que lhe circundava. A partir daí Ponciá vê seu lugar de subalternidade.

Quando Ponciá Vicêncio resolveu sair do povoado em que nascera, a decisão chegou forte e repentina. Estava cansada de tudo ali. De trabalhar o barro com a mãe, de ir e vir às terras dos brancos e voltar de mãos vazias. De ver as terras dos negros coberta de plantações, cuidadas pelas as mulheres e crianças, pois os homens gastavam a vida trabalhando nas terras dos senhores, e, depois, a maior parte das colheitas serem entregues aos coronéis. Cansada da luta insana, sem glória, a que todos se entregavam para amanhecer cada dia mais pobres, enquanto alguns conseguiam enriquecer todos os dias. (EV. 2017, p.30)

Ponciá estava cansada de viver sem esperança de dias melhores, e vislumbra em sua saída da zona rural para a zona urbana a oportunidade de ser algo mais do que estava predestinado para si. Mas a sua sina lhe seguia, mesmo fazendo o movimento diásporo como seus ancestrais em busca de uma vida melhor. Ponciá na cidade grande se deparou com a triste realidade que ela apenas mudou de lugar, mas estava longe de mudar de vida.

E, avançando sobre o futuro, Ponciá partiu de trem no outro dia [...]. E agora

ali deitada de olhos arregalados, penetrados no nada, perguntava se valera apenas ter deixado sua terra. O que acontecera com os sonhos tão certos de uma vida melhor? Não eram somente sonhos, eram certezas! Certezas que haviam sido esvaziadas no momento em que perdera contato com os seus. E agora feito morta-viva, vivia. (EV. 2017, p. 30)

Na citação supramencionada, podemos ver o quanto é difícil o sujeito marginalizado sair de seu lugar social para outro, as amarras são muitas para que o poder não saia das mãos dos poucos e que tem poder de muitos. Assim como debate Spivaki (2014, p.14) “o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está mais ainda profundamente na obscuridade”. E infelizmente é isso que vemos ao longo do romance, vários fatores tentam silenciar essa voz feminina e negra em *Ponciá Vicêncio*, no entanto também vemos essa voz a todo momento içando seus ideais.

Na personagem Ponciá Vicêncio, Conceição Evaristo manifesta as várias opressões que uma mulher negra sofre na sociedade. A mulher negra é silenciada duplamente, primeiro por ser mulher e segundo por ser negra e isso se não levarmos em consideração a classe social. Não podemos ignorar que a mulher branca parte de outro lugar de fala e muitas das vezes é uma das opressoras da mulher negra por não sofrer os grilhões que a cor e muitas vezes o status lhe concerne “A dona olhou para ela de cima a baixo” (EV.2017, p.38)0. Por essa razão essas mulheres brancas se sentem em vantagem em relação à mulher negra e sem se colocar em seu papel social, pode discriminar e legitimar o silenciamento da mulher negra. Por isso a identidade reivindicada da mulher negra se institui como sujeito transgressor, histórico e político.

Nesse prisma, vemos Ponciá mulher ser silenciada por seu marido, que exerce o poder patriarcal e sexista que a sociedade lhe concerne. Ponciá e seu marido não tem um casamento harmonioso, os dois quase não se falam, convivem em um relacionamento apático, no qual o amor nunca existiu e que a atração foi se foi com o tempo acabando.

Ponciá Vicêncio achava que os homens falavam pouco. O pai e o irmão tinham sido exemplos do estado de quase mudez dos homens no espaço doméstico. Agora, aquele, o dela, ali calado, confirmava tudo. Ele também só falava o necessário. Só que o necessário dele era bem pouco, bem menos do que a precisão dela. Quantas vezes quis ouvir, por exemplo, se o dia dele tinha sido difícil, se o pequeno machucado que ele trazia na testa tinha sido causado por algum tijolo, ou mesmo saber quando começaria nova obra. Muitas das vezes quis dizer das tonturas e do desejo de comer estrelas de que era acometida todas as vezes que saía grávida. Quis confidenciar a respeito de um medo antigo que sentia, às vezes. [...]. Porém

o que mais havia, era o desejo de encontro. E então, um misto de raiva e desaponto tomava conta dela, ao perceber que ela e ele nunca iam além do corpo, que não se tocavam para além da pele. (EV. 2017, p.57-58)

Como percebemos, sua relação era de puro desencontro, e com o passar dos tempos até a relação carnal foi se pagando. Ponciá buscava alguém que fosse além de seu homem, que fosse também seu amigo, seu confidente, enfim, alguém que ela pudesse partilhar seus sonhos e temores. Com o desgaste do casamento veio ao mesmo tempo as agressões, ela batia nela por ela ficar alheia em seu mundo particular, batia por ela não fazer as tarefas em casa, batia nela por não a entender, batia nela por estar frustrado com a vida que vivia, batia, batia e batia.

Um dia ele chegou cansado a garganta ardendo por um gole de pinga e sem um centavo para realizar tão pouco desejo. Quando viu Ponciá parada, alheia, morta-viva, longe de tudo, precisou fazê-la doer também e começou a agredi-la. Batia-lhe, chutava-lhe, puxava-lhe os cabelos. Ela não tinha um gesto de defesa. [...]. E desde esse dia, em que o homem lhe batera violentamente, ela se tornou quase muda. (EV. 2017, p.82-83)

Ponciá era silenciada a socos e pontapés por quem deveria defendê-la e entendê-la, esse ato de violência que outrora era muito banal e hoje é frequentemente visto com olhar de indiferença da justiça e por muitas vezes até da própria vítima, no pensamento de vitimização do algoz, quando a mulher diz “ele não queria me bater, tadinho estava bêbedo e fora de si”. Ainda nos dias atuais, as taxas da violência contra a mulher são alarmantes. Vejamos a tabela a seguir;

Tabela 1 violência doméstica

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FEMINICÍDIO*
<p>– A cada 7.2 segundos uma mulher é vítima DE VIOLÊNCIA FÍSICA. (Fonte: Relógios da Violência, do Instituto Maria da Penha)</p> <p>– Em 2013, 13 mulheres morreram todos os dias vítimas de feminicídio, isto é, assassinato em função de seu gênero. Cerca de 30% foram mortas por parceiro ou ex. (Fonte: Mapa da Violência 2015)</p> <p>– Esse número representa um aumento de 21% em relação a década passada. Ou seja, temos indicadores de que as mortes de mulheres estão aumentando.</p> <p>– O assassinato de mulheres negras aumentou (54%) enquanto o de brancas diminuiu (9,8%). (Fonte: Mapa da Violência 2015)</p> <p>– Somente em 2015, a Central de Atendimento à Mulher – Ligue 180, realizou 749.024 atendimentos, ou 1 atendimento a cada 42 segundos. Desde 2005, são quase 5 milhões de atendimentos. (Dados divulgados pelo Ligue 180)</p>

Fonte;<https://emails.estadao.com.br/blogs/nana-soares/em-numeros-a-violencia-contra-a-mulher-brasileira/>

No caso da obra em questão, o sofrimento da protagonista da trama não cessa por aí. Ponciá passou por várias perdas as quais ela teve que enfrentar sozinha, e para suportar tamanhas perdas ela refugiou-se em si mesma. Ponciá desde pequena sonhava em casar e ser mãe, inventando para si uma história bonita, na qual ela teria uma casa, um bom homem para fazer seus caprichos e filhos para alegrar seus dias “Um dia também ela teria um homem que, mesmo brigando, haveria de fazer tudo que ela quisesse e teria filhos também” (EV, 2017, p.25). Porém esse foi mais um sonho frustrado da jovem Ponciá Vicêncio.

[...] o choro de fome ou frio de uma criança invadiu repentinamente os ouvidos de Ponciá. Lembrou-se dos sete filhos que tivera, todos mortos. Alguns viveram por um dia. Ela não sabia por que eles haviam morrido. Os cinco primeiro ela tivera em casa com a parteira Maria da Luz. A mulher chorava com ela a perda dos bebês [...] os dois últimos ela tivera no hospital. [...] Depois dos sete, ela nunca mais engravidou. (EV, 2017, p. 45-46)

Ponciá aqui também é colocada como corpo/procriação, como as negras no tempo de escravidão. As escravas eram obrigadas a parir um filho atrás do outro para formar mãos escravas para os seus senhores. Paria filhos e filhas para verem serem arrancados de seus braços para venda no mercado escravista, se sobrevivessem a fome, pois os seios de sua mãe alimentava os filhos de seu verdugo. Com isso, Evaristo aloca em sua narrativa, tantas e tantas atrocidades sofridas pela mulher negra, em um reviver da história para que essa nunca seja esquecida e sim não repetida. Para manter viva a identidade do povo negro, a autora lança mão de trazer à tona a memória coletiva, para que assim, nunca seja esquecida a luta para que os tempos não volte e para que os que lutaram permaneçam vivos na lembrança dos seus.

[...] a consciência jamais está encerrada em si mesma, não é vazia nem solitária. Somos arrastados em inúmeras direções, como se a lembrança fosse uma baliza que permitisse nos situarmos em meio da variação constante dos contextos sociais e da experiência coletiva. Isso talvez explique por que razão, nos períodos de calma ou de momentânea imutabilidade das “estruturas sociais”, a lembrança coletiva tem menos importância do que em períodos de tensão ou crise — e aí, às vezes, se torna “mito”. De todas as “interferências coletivas” que correspondem à vida dos grupos, a lembrança é como a fronteira e o limite: ela está na intersecção de muitas correntes do “pensamento coletivo”. É por isso que sentimos tanta dificuldade para lembrar acontecimentos que só dizem respeito a nós mesmos. Vemos então que não se trata mais de esclarecer uma essência ou uma realidade fenomenal, mas de compreender uma

relação diferencial [...]. (DUVIGNAUD, 2006, p.13 apud MARINGOLO, 2014, p. 68)

Ora, não é de estranhar que em meio a tanta violência doméstica e psicológica sofrida por Ponciá, seu interesse sexual por seu marido tenha se esvaído. Ponciá era uma mulher que gostava de fazer amor e conhecia seu corpo desde cedo “estava com uns onze anos talvez. [...]. Quando tocou lá entre as pernas, sentiu um ligeiro arrepio. [...] Tocou mais e mais lá dentro e prazer chegou apesar do espanto e do receio” (EV, 2017, p.22). Mas a coação do seu marido para ter um filho era tanta, que ela viu seu corpo/prazer ser substituído por corpo/objeto e corpo/procriação, assim como no passado.

O homem de Ponciá Vicêncio se mostrava também acabrunhado com a perda dos meninos. A cada gravidez sem sucesso, ele bebia por longo tempo e evitava contato com ela. Depois voltava dizendo que iria fazer outro filho e que aquele haveria de nascer, crescer e virar homem. Ponciá já andava meio desolada. Abria as pernas, abdicando do prazer e desesperançosa de ver se salvar o filho. (EV, 2017, p. 46)

Podemos notar na citação acima, que Ponciá além de ter seu útero dilatado sete vezes, como uma vaca parideira, teve que prantear seus filhos sozinha, aguentando os xingamentos e as bebedeiras de um homem que se joga injustiçado por não ter um filho vingado, sem se importar que quem sofria com a situação era sua mulher. Mais uma vez, a voz de Ponciá é silenciada e seu corpo subjugado aos desejos de seu marido, em mais uma amostra de violência sexual, uma a mais de tantas sofrida por Ponciá ao longo da vida.

O isolamento de Ponciá também acarreta algumas discursões, embora Ponciá viva em seu barraco isolada por vontade própria, passando sua vida em recordar seu passado. Podemos correlacionar esse isolamento à vida das mulheres, pois eram obrigadas a viverem uma vida restrita ao lar, sendo vistas como anjos do lar ou verdadeiros demônios. Eram obrigadas a viver uma vida resguardada da vida social e inteiramente dedicadas ao seu lar, marido e filhos, enquanto seus maridos usufruíam de uma vida social fora de casa. Esse ponto colocado por Evaristo de forma implícita suscita como era a relação de desigualdade de gênero.

Dentre essas vozes femininas apresentadas na obra de Conceição Evaristo, existem outras fora a de Ponciá, temos sua mãe e a prostituta Biliza que mostra outras vertentes dessa voz feminina e negra.

Maria Vicêncio é mãe de Ponciá Vicêncio, é uma mulher forte que com seu jeito manso dominava seu marido e seu filho Luandi. Maria Vicêncio também era ceramista foi ela que ensinou a filha a trabalhar e conhecer o barro, ela e Ponciá ficavam a maior parte do tempo sozinhas na Vila Vicêncio, entretidas na lida da casa e fazendo suas artes de barro. Maria Vicêncio não reclamava da ausência dos homens da família, era feliz desse jeito. Ela era a cabeça da família, o que é muito comum nos povos negros serem matriarcais.

A mãe nunca reclamava da ausência do homem. Vivia entretida cantando com suas vasilhas de barro. Quando ele chegava, era ela quem determinava o que o homem faria em casa naqueles dias. O que deveria fazer quando regressasse lá nas terras dos brancos. O que deveria dizer a eles. O que deveria trazer da próxima vez que voltasse em casa. [...] O pai era forte, o irmão quase um homem, a mãe mandava e eles obedeciam. (EV, 2017, p.24-25)

A vida de Maria Vicêncio mudou mesmo quando seu homem morreu, eles se amavam, e ela vivia inconscientemente a esperar que a qualquer momento seu homem rompesse porta a dentro. “A mulher, quando avistou o vulto do filho sozinho, saiu desesperada ao encontro dele. Abraçou o menino e depois lenta e solenemente abraçou o vazio como se estivesse abraçando alguém. Não perguntou nada. Sabia de tudo” (EV,2017, p.28). Essa passagem expressa o sentimento de amor entre o casal, como também a sapiência da mulher negra e principalmente a ligação com os mortos.

Mas o que mais mexeu com a paz de Maria foi a decisão de sua filha Ponciá deixar o lugarejo onde viviam. Seu coração ficou pesado com a separação repentina e o medo do que poderia acontecer com a filha, “Ponciá deixara a mãe triste, sozinha. Acabrunhada, ela reclamou da saudade que ia sentir da filha, quando a moça lhe falou da inesperada decisão de partir”. (EV, 2017, p.32). Logo depois da saída de Ponciá para a cidade, seu filho Luandi, agora sem o apoio e a presença do pai, e se vendo como novo provedor da família, decidiu partir também para cidade, em busca da irmã e de uma vida melhor para ele e sua família. Essa separação brusca de seus filhos deixou Maria Vicêncio deslocada e sem rumo.

A mãe de Ponciá Vicêncio pensava em seus filhos, mas relutava em tomar o rumo da cidade. [...]. Os cabelos dela embranqueceram da noite para o dia.[...]. Ela trazia o coração dolorido. Era como estivesse dentro do peito um grande pote de barro, no qual armazenasse todas as pessoas queridas, e esta vasilha um dia tivesse quebrado, partido. (EV, 2017, p.65)

Maria Vicêncio vivia a vida a esperar seus filhos, mas o vazio era tão grande que ela não suportou ficar na casa a esperá-los e foi sem rumo em vila em vila. Trabalhando de qualquer coisa menos o barro. Porquanto, para ela não teria sentido trabalhar o barro sem sua menina, assim como também para Ponciá que desde saiu de casa não mais trabalhou o barro. O barro era uma ligação íntima entre mãe e filha. Maria guardava viva a esperança de reencontrar seus filhos.

Sabia que a sua vida não era ainda um fruto amadurecido. Seus dias não estavam prontos, não era tempo de colher. E, então se, tivesse de padecer, que experimentasse as dores. Se tivesse de ser só, que sozinha fosse. Se tivesse de abraçar com seus próprios braços, ela mesma criaria o seu próprio anelo, e se autabraçaria, até que reencontrasse os filhos e os abraços deles abraçassem os abraços dela. (EV, 2017, p.66).

Andar de um lugar para outro foi a maneira de a mãe de Ponciá aliviar a angústia do tempo de espera. [...] cantava as cantigas de infância, aquelas que tinha aprendido dos mais velhos, no tempo em que era criança. Cantava as que tinha aprendido com a mãe e que tinha oferecido depois, mais tarde, à filha. E nessas canções havia muitas que eram dialogadas e, quando chegava a parte em que entraria a voz da filha, a mãe de Ponciá se calava. Fazia silêncio para escutar lá do fundo de sua memória, a voz-menina que, mesmo tendo crescido, mesmo estando distante, se presentificava cantando em suas lembranças. (EV, 2017, p.72-73)

Maria Vicêncio sabia que um dia o tempo de espera acabaria e então, o sonho de abraçar os seus seria realidade. Mas uma coisa a deixava apreensiva tinha que encontrar sua menina antes que a herança se tornasse presente, para levar sua menina ao rio, pois ela era do rio e para lá tinha que voltar. O doce dia chegou e então...

A mãe com os olhos fechados revivia outras cenas: a menina, Vô Vicêncio, a passagem dele, a passagem de seu homem, a passagem de Nêngua Kaínda, a terra dos negros, os trabalhos de barro, o filho agora e por enquanto soldado, a voz de mando, a terra dos brancos, a resistência teimosa e muitas vezes silenciosa do negro, travestida de uma falsa obediência ao branco. O tempo indo e vindo. E neste ir e vir Ponciá voltava para ela. Para ela, não! A menina nunca tinha sido dela. Voltava para o rio, para águas-mãe. [...]. (EV,2017, p.107)

Maria Vicêncio, agora com os olhos abertos, contemplava a filha. A menina continuava bela, no rosto sofrente, feições de mulher. Por alguns momentos, outras faces, não só a de Vô Vicêncio, visitaram o rosto de Ponciá. A mãe reconheceu todas, mesmo aquelas que chegavam de um outro tempo-espço. Lá estava sua menina única e múltipla. Maria Vicêncio se alegrou; o tempo de reconduzir a filha à casa, a beira do rio estava acontecendo. Ponciá voltaria ao lugar das águas e lá encontraria a substância, o húmus para seu viver. (EV, 2017, p.108).

A personagem Maria Vicêncio apresenta a voz e o coração de mãe, que se vê obrigado a deixar seus filhos partir, alçar voo a terras distantes, mas ela representa o ninho, o aconchego do lar. Ela representa a dor da separação que muitas mães são obrigadas sofrer, principalmente a mulher negra, por não ter como oferecer condições melhores aos seus filhos é compelida vê-los partir em uma eterna diáspora.

A negra Biliza representa a voz da repressão sexual, a sociedade machista embutiu nas mulheres que o desejo sexual é só para os homens, que para a mulher é pecado ter desejo sexual. As mulheres não podem escolher parceiros apenas para o seu prazer, pois isso era coisa de prostituta. O pudor e os bons costumes ditavam que a mulher tinha que ser santa e recada e a prática do sexo só era permitida no casamento e para a reprodução nos tempos de outrora. Na contemporaneidade o sexo ainda é visto como tabu.

Negra Biliza, assim como Ponciá e Luandi saiu de sua vila na zona rural para a cidade grande em busca de melhores condições de vida para ela e sua família. Trabalhou por muito tempo na casa dos brancos na cidade, depois de muito esforço conseguiu juntar a quantidade de comprar uma casinha para si e os seus. Quando num dia, sua caixinha com todas suas economias sumiu. Quando falou com sua patroa sobre sua desconfiança de que seu filho, o qual ela mantinha um relacionamento clandestino amoroso, foi expulsa sem nenhuma compaixão e sem nenhuma prata para se sustentar no bolso. Vê-se aí a representação de muitos homens que viviam e ainda vivem às custas da mulher, muitas vezes do corpo dela que é vendido a outros para ele possa obter o lucro disso.

Vendo-se nessa situação de desespero não restou outra saída a Biliza, a não ser a prostituição, que infelizmente é o destino de muitas. “Afinal, tantas eram as que chegavam da roça e acabavam ali”. (EV, 2017, p.67). Contudo, Biliza não se envergonhava se ser quem era não tinha vergonha se dar ao prazer e as normas da sociedade não era amarras para ela. “Um dia um homem enciumado chamou Biliza de puta. A moça nem ligou. Puta é gostar do prazer. Eu sou. Puta é me esconder no mato com quem eu quero? Eu sou. Puta é não abrir as pernas para quem eu não quero? Eu sou.” (EV, 2017, p. 84). Vê-se que Biliza contradiz todos os âmbitos sociais, e assume sua posição de subversiva.

Apesar disso, dessa firmeza de quem era, Biliza não almejava passar o resto de sua vida sendo mulher-dama. E viu no carinho que sentia por Luandi e ele por

ela, um vislumbre de dias melhores. Assim que Luandi propôs casamento a sua estrela Biliza, ela se pôs a confeccionar seu enxoval. Mas a maldade do homem lhe alcançou e a estrela Biliza foi brilhar no céu. “Negro Climério havia matado a moça. Na cama, os panos, as linhas e a agulha com a qual ela preparava com afinco o seu enxoval”. (EV, 2017, p. 97). Biliza foi silenciada a força pelo sentimento de posse e covardia do homem, quantas Bilizas até hoje não saem bruta e caladas, sem chance de defesa hoje, os dados infelizmente dizem que inúmeras.

A vida de Ponciá Vicêncio e das outras personagens negras aqui brevemente analisadas, são marcadas por tantas desventuras e sofrimentos, que nos mostra o quanto a mulher negra é forte, destemida, perseverante e extremamente guerreira diante das adversidades. Que embora os grilhões que as prendam sejam inúmeros, elas estão sempre tentando rompê-los, para que se faça valer seu lugar como mulher e cidadã atuante.

Concluimos, portanto, que a literatura de Conceição Evaristo apresenta a ruptura do silenciamento da mulher negra que outrora era triplamente silenciada, pela etnia, pelo gênero e condição social, constituindo assim a voz da mulher negra como figura de resistência histórica, política e cultural.

5.2 A mulher na contemporaneidade: duas palavras e um ponto de vista

É inegável a luta das mulheres por sua independência através dos tempos, tentando quebrar o subjugo imposta a elas pelas mãos dos homens. São várias as pesquisas e debates que discute as questões pertinentes em relação ao lugar da mulher, principalmente ao lugar da mulher na literatura e até onde o lugar social das mulheres influenciam seu desenvolvimento intelectual. Muitas delas trouxeram à tona diversas reflexões, a principal delas é como o patriarcalismo machista impôs amarras financeiras, psicológicas, sociais, intelectuais e emocionais na construção da mulher de outrora e infelizmente em muitas mulheres contemporâneas.

Outro ponto, é o que mudou em relação ao lugar de voz da mulher do passado à mulher contemporânea. Será que os mesmos obstáculos enfrentados pela mulher de antigamente é o mesmo enfrentados pela mulher moderna? Será que o meio intelectual tem mais vozes femininas? Também devemos nos questionar o porquê de as mulheres serem em sua maioria mais pobres que os homens. Antigamente as mulheres não tinham direito sequer a herança, se o homem morresse e não tivesse filhos varões, sua herança era entregue ao varão mais próximo, ou seja, um sobrinho, um primo. E se a mulher não podia trabalhar, e nem herdar, estava totalmente à mercê, de seu tutor. Que quando solteira era seu pai e casada seu marido. Dependia deles para coisas básicas, como para comer e vestir. Essa é a principal causa de a mulher está tão vulnerável financeiramente. Nessa questão, as leis progrediram em relação a herança, porém em trabalho e dependência, precisamos evoluir muito mais.

Outro levantamento importante, é o lugar da mulher na sociedade, o porquê de elas sempre serem conhecidas como esposa de alguém, e não serem conhecidas por elas próprias? Até nos dias atuais, é comum encontrarmos mulheres conhecidas somente pelo o nome do marido. Como por exemplo: Maria de Pedro, Josefa de Manoel, etc. O machismo usurpando a sua identidade, nesse caso, há o total apagamento do *eu individual*.

A mulher do século passado, não tinha direito de escolher com quem iria se casar, saindo de um cárcere para outro após o casamento, trocando apenas de senhor, a quem devia obediência cega e estava sujeita a toda espécie de humilhação. Nesse ambiente, sob qualquer desculpa a mulher era surrada. Falar em público sem permissão? Nem pensar. Nesse cenário a mulher era completamente

silenciada pelo seu marido ou pai opressor. Podemos até pensar que isso não faz mais parte de nossa realidade atual, pois quem dera que fosse assim. Basta ver a televisão ou jornal, para ouvirmos e vermos diversas reportagens sobre violência contra mulher, cárcere privado, estupros e toda tipo de barbáries. Segundo a secretária de defesa social (SDS) de Pernambuco:

Foram registrados 240 casos de assassinatos de mulheres, em Pernambuco, durante o ano de 2017. Desses, 76 foram caracterizados como feminicídios. Em 2016, foram 169 assassinatos no total, dos quais 111 tiveram como agravante o crime de gênero. Em 2015, Pernambuco ainda não tipificava os feminicídios e, por isso, não houve registro do crime, apesar de 245 mulheres terem morrido violentamente no estado naquele ano. (MEIRELES; ALVES, 2018, s/p)

Essa, infelizmente, é a realidade dos relacionamentos abusivos de hoje, e que era o mesmo de ontem. Só com uma diferença, outrora esses crimes contra as mulheres eram legalizados. O homem vê a mulher como uma propriedade e em nome disso as surram, aprisionam, estropam e as despem de proteção física e emocional.

Foi depois das duas grandes guerras mundiais que a mulher saiu do casulo. Pois os homens haviam partido para guerra e elas se viram como as únicas provedoras de seu lar e sustento dos filhos. E foi a partir daí, sem homens para lhe dizer o que podiam ou não, que elas viram do que eram capazes, que as mulheres descobriram a enorme força e capacidade e começaram se posicionarem. Com o fim da guerra, os homens novamente queriam confinarmos ao lar, a nossa antiga profissão de anjo de lar, mas muitas já estavam imponderadas, cientes da força e do valor e começam a busca pelos direitos.

Queríamos votar, decidir quem nos governaria, queríamos trabalhar e não só trabalhar, mais ganhar bem por isso. Foi aí que travamos uma luta em que muitas foram sacrificadas em busca de dos ideais. Em oito março se comemora o dia internacional da mulher e muita gente, inclusive mulheres, ainda não sabem o porquê de tal homenagem. No dia 25 de março de 1911, às 5 horas da tarde, ocorreu um incêndio na fábrica da Triangle Shirtwaist, que matou 125 mulheres que lutaram por condições de trabalhos e de salários mais igualitários. E desde então as manifestações só aumentaram. Não nos calamos e fizemos várias conquistas, como a Lei Maria da Penha nº 11.340 de 07 de agosto de 2006, que nos assegura uma certa “proteção” contra a violência doméstica e o Decreto nº 21.417 regularizou o trabalho feminino no comércio e na indústria em maio de 1932, nos assegurando.

- Proteção à maternidade através de descanso obrigatório de quatro semanas antes e após o parto e, se necessário, cada período ser aumentado em duas semanas, a critério médico;
- Durante o afastamento, auxílio correspondente à metade da média auferida nos últimos seis meses de remuneração;
- Retorno às funções executadas antes do afastamento; A trabalhadora grávida poderia romper o contrato de trabalho, quando comprovado que a função exercida comprometia a saúde da mãe e da criança;
- A mulher ao sofrer aborto não criminoso tinha direito a duas semanas de descanso;
- Nos primeiros seis meses de vida da criança, direito de dois intervalos, cada um de 30 minutos, para amamentação;
- Existindo mais de 30 empregados com mais de 16 anos, haver um local apropriado para amamentação nos estabelecimentos;
- Demitir a mulher por motivo de gravidez;
- Proibir o trabalho feminino em locais insalubres e perigosos. (TAVARES, 2012, p.18)

Pensando nos dias atuais, será que a mulher recebe igual o homem? Não mesmo, a diferença salarial chega a quase 53%, as profissionais ainda são minoria em cargos de gestão. Atualmente, a inserção das mulheres no mercado de trabalho formal e informal se expandiu. O contingente feminino chega a mais de 40% da força de trabalho em diversos países avançados, mas tem sido absorvido, sobretudo, no universo do trabalho precário e desvalorizado. Cujas, grande parte das mulheres são *negras ou latinas e de baixa escolaridade*.

Depois de muita luta, houve grandes conquistas sim, porém não suficientes, ainda a muito preconceito a nosso redor, como podemos notar nos dados supracitados. Há ainda pensamentos, que não ocupamos grandes cargos porque somos menos dotadas intelectualmente. Virginia Woolf (2014) faz uma analogia sobre esse assunto em um *teto todo seu*, ela traça um comparativo, ela diz se Shakespeare tivesse uma irmã, igualmente talentosa para escrever, será que os dois estariam iguais para crescerem como profissionais? Será que a irmã chegaria aonde ele chegou? A resposta é simples, não. Ela não chegaria porque simplesmente lhe foi negada a educação, o espaço e tempo necessário para que ela criasse e crescesse profissionalmente. Fora a educação, precisamos de um lugar só nosso, livre de interrupções. Um lugar com tudo que precisamos para que nossa imaginação possa aflorar. Um lugar para chamarmos de nosso.

Outra demanda amplamente discutida por Woolf (2014) são que as mulheres na literatura são descritas tão cheias de personalidades, revestidas de força, de pensamento forte, mulheres que dominam até imperadores. Mulheres essas

retratadas, descritas por vozes masculinas. Novamente silenciadas sem direito de fala e sem chance de se autorrepresentar.

Poucas vozes femininas foram ouvidas em épocas anteriores, e quando ouvida, era camuflada por pseudônimo. Essas vozes tão pouco ecoadas, tinham em suas línguas amarras e em na mente preconceito, que as impedia de extravasarem e expor sentimentos que eram vistos pela sociedade opressora como inadequados a uma dama. Esse argueiro, hoje, foi retirado e podemos contemplar na literatura, grandes vozes femininas, discutindo sobre diversos temas, como a própria Virginia Woolf, Silvia Plaf, Tereza Veiga, Maria Firmino dos Reis, Conceição Evaristo e outras tantas mais. No entanto, ainda há muito a que batalhar. Lutar, lutar até vê cada nome de escritora de talento, lado a lado dos grandes nomes da literatura, como Ezra Pound, Eliot, Machado de Assis, Guimarães Rosa etc.

As mulheres escritas pelas vozes masculinas não existiam, as mulheres que na verdade existiam, eram mulheres subalternas, dependentes e entristecidas. Vejamos um trecho de um *Teto todo seu*:

Dirigi-me, portanto, para a prateleira onde ficam as histórias e peguei uma das últimas, a história da Inglaterra, do professor Trevelyan. Uma vez mais eu procurei “mulheres”; eu encontrei “*posição das*” e abri as páginas indicadas. Bater na esposa”, li, “era um direito reconhecido do homem praticado sem embaraço tanto por ricos com por pobres [...]” (WOOLF, 2014, p.64)

A autora ainda declara que para ela escrever como ela escrevia, ela teve que assassinar essa mulher submissa, sem opinião, esse anjo do lar;

Imensamente encantadora. Totalmente altruísta. Excelente nas difíceis artes do convívio familiar. Sacrifica-se todos os dias. Se o almoço era frango, ela ficava com o pé; se havia ar encanado, era ali que ia sentar- em suma, seu feitio era nunca ter opinião ou vontade própria, e preferia sempre concordar com as opiniões e vontades dos outros. E acima de tudo- nem preciso dizer- ela era pura. Sua pureza era tida como sua maior beleza – enrubescer era seu grande encanto. Naqueles dias – os últimos da rainha Vitória – toda casa tinha seu anjo do lar. (WOOLF, 2013, p. 12).

Essa figura angelical que a sociedade patriarcal criou e que não quer deixar morrer, para que no lugar dela não seja possível nascer uma nova mulher. Uma que seja anjo do lar, porque não? Desde que ela queira e seja feliz assim, não vejo problema. Uma policial, porque não? Uma médica, porque não? Uma engenheira, porque não? Uma jogadora de futebol, porque não? Que sejamos o que queiramos ser, e não o que os outros nos imponha em nome das convenções sociais e do preconceito. Que o nosso espírito possa voar alto, em busca de nossos sonhos e

que durante nosso voo, só exigimos duas coisas, RESPEITO e as OPORTUNIDADES necessárias que nos coloque em pé de igualdade com os homens. Tendo isso, aí sim, nós mostraremos do que somos feitas e principalmente do que somos capazes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou o entendimento da importância da literatura negra feminina, como forma de combater o falocentrismo machista e branco na sociedade contemporânea. Possibilitou também verificar como se dá a *Escrivência* de *Conceição Evaristo*, bem como discutir a construção da identidade do feminino negro na personagem Ponciá Vicêncio e a importância de se debater o lugar de fala da mulher negra.

De modo geral, percebemos através da pesquisa que ainda hoje a literatura afrofeminina encontra muitos obstáculos na hora de ser publicada e de fazer ouvir as vozes subalternizadas através do tempo. Essa dificuldade de visibilizar essas obras sustenta a ideia que mesmo camuflado ainda existe preconceito racial no meio literário.

Outro ponto presente na pesquisa que nos possibilitou a observação, foi a diferença que há entre um personagem criado pelo um autor que fala de ponto de vista particular com conhecimento de causa e outro que apenas simpatiza com um determinado tema ou estilo. Isso não querendo dizer de experiência própria e sim de um cotidiano compartilhado através de uma memória coletiva à que fala totalmente de fora dessa realidade. Essa nova visão na literatura que os paradigmas instituídos por pensamento falocrático.

Ora, também nos foi permitido perceber por meio da análise feita na personagem principal, Ponciá Vicêncio, o quanto da cultura Bantu ela carregava, o quanto dessa identidade negra a autora colocou nela em forma de uma afirmação e resistência identitária do povo negro. Ao analisarmos essa personagem também notarmos o quanto a mulher negra é forte e quão forte é sua ligação com os entes queridos vivos e mortos é pungente.

Como uma pesquisa não é um todo acabado e dada a importância do tema, torna-se necessário o desenvolvimento de pesquisas e debates que coloquem em evidência a literatura afro brasileira de escrita feminina e negra, para que essas vozes há tanto tempo silenciadas, possam cada vez mais ser ouvidas e espalhadas no meio literário e acadêmico.

Nesse contexto, há pelo menos uma esperança que dessa forma, possamos contribuir para combater o machismo, racismo e falocentrismo e possamos visibilizar

vozes intelectuais de todas as partes, independentemente de gênero, raça e classe social. Para que aos poucos possamos quebrar as barreiras que impedem as vozes subalternizadas de chegarem ao poder de fala.

Por esse prisma percebe-se a importância dessa pesquisa e de outras com o mesmo viés, para divulgar e legitimar a voz afrofeminina para que com isso se possa mostrar o ponto de vista de povos que não tinham direito a voz.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. A LITERATURA NEGRA FEMININA NO BRASIL – PENSANDO A EXISTÊNCIA. **ABPN**, v. 1, p. 181-189., nov/fev. 2010 / 2011.

CARNEIRO, S. **A mulher negra na sociedade brasileira**. Brasília: Fundação Cultural Palmeiras, 2003.

CARNEIRO, Sueli (2003) **A mulher negra na sociedade brasileira – o papel do movimento feminista na luta anti-racista**. Brasília: Fundação Cultural Palmares

CASTELLS, M. **O poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, v. II, 1999.

CASTILHO, S. D. D. A Representação do Negro na Literatura Brasileira: Novas Perspectivas. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa, 7, 2004. 103-113.

CHIAPPINI, L. **O foco narrativo**. São Paulo: Ática, v. 10ª. Série Princípio. ISBN 85 08 01714 6 2002.

CULTURA BANTU NGOLA – Parte 2. [S.l.]: [s.n.], 2018.

CUTI, L. S. **Literatura negro-brasileiro**. São Paulo: Selo Negro, v. III, 2010.

DIONÍSIO, D. **Ancestralidade Bantu na literatura Afro-brasileira**: reflexões sobre o romance "Ponciá Vicêncio" de Conceição Evaristo. 1ª. ed. Belo Horizonte: Nandyala, v. 1ª, 2013.

EDUARDO SOUZA PONCE, M. C. D. G. ANCESTRALIDADE E IDENTIDADE EM “OLHOS D’ÁGUA” DE CONCEIÇÃO EVARISTO. **ANAIS DO VIII Colóquio de Estudos Literários**, Londrina, 06/07 agosto 2014. 163-17.

EUGENIA PORTELA DE SIQUEIRA MARQUES, M. C. C. T. **Educação das relações Éticas-Raciais**: Caminhos para a Descolonização do Currículo Escolar. 1º. ed. Curitiba: Editora Appris e Livraria Eireli-ME, 2018.

EVARISTO, C. **Gênero e Etnia**: uma escre(vivência) de dupla face. Seminário Nacional X Mulher e Literatura – I Seminário Internacional Mulher e Literatura/ UFPB. Paraíba: [s.n.]. 2003.

EVARISTO, C. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, 13, 2º sem. 2009. 17-31.

EVARISTO, C. **Ponciá Vicêncio**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, C. Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. **PALMARES - CULTURA AFRO-BRASILEIRA**, Brasília, p. 52/56.

GREENBERG, J. H. **História Geral da África-I Metodologia e pré-história da África**. 2ª. ed. Brasília: UNESCO, v. I, 2010.

EVARISTO, Conceição. **Depoimento**. 2009, Depoimento concedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras, realizado em maio de 2009, na Faculdade de Letras da UFMG. Disponível em: [1http://www.lettras.ufmg.br/literafro/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo](http://www.lettras.ufmg.br/literafro/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo).

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita. Depoimento Publicado no livro **Representações Performáticas Brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. (org) Marcos Antônio Alexandre, Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p 16-21.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural e Diáspora**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Brasília, n. 24, p.68-75, fev. 1996.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução de Adelaine La Guardia Resende... [et al]. Belo Horizonte: UFMG, 2006

LOPES, N. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. 4ª. ed. São Paulo : Selo Negro, 2011.

MACHADO, B. A. Escre(vivência): a trajetória de Conceição Evaristo. **História Oral**, v. 17, p. 243-265, jan/jun 2014. ISSN 1.

MARINGOLO, C. C. B. **PONCIÁ VICÊNCIO E BECOS DA MEMÓRIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO: CONSTRUINDO HISTÓRIAS POR MEIO DE RETALHOS DE MEMÓRIAS**. Araraquara, SP: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” Faculdade de Ciências e Letras Campus de Araraquara - SP , 2014.

MEIRELES, Marina; ALVES, Pedro. **Monitor da violência: 83% dos assassinatos de mulheres no Grande Recife não tiveram inquérito concluído**. G1.globo. Recife, 8, março de 2018. Disponível em :< [HYPERLINK "https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/monitor-da-violencia-83-dos-assassinatos-de-mulheres-no-grande-recife-nao-tiveram-inquerito-concluido.ghtml"](https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/monitor-da-violencia-83-dos-assassinatos-de-mulheres-no-grande-recife-nao-tiveram-inquerito-concluido.ghtml) <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/monitor-da-violencia-83-dos-assassinatos-de-mulheres-no-grande-recife-nao-tiveram-inquerito-concluido.ghtml> >. Acesso em: 18 de agosto de 2018.

OLIVEIRA, A. X. G. D. Conceição Evaristo e o cânone no Brasil. **II CONALI Congresso Nacional de Literatura**, João Pessoa - PB, novembro 2014. 924-934.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento Justificando, v. I, 2017.

SANTIAGO, A. R. **Vozes Literárias de Escritoras Negras**. Cruz das Almas: UFRB, 2012.

SEBASTIÃO J. FORMOSINHO, J. O. B. **A dinâmica da Espiral uma aproximação ao mistério de tudo**. Coimbra: Coimbra University Press, v. 1ª, 2013.

SOUSA, D. R. D. **A mulher negra noo contexto da literatura afro-brasileira: a escrita de si e a reinvenção do sujeito negro feminino**. Grau Zero, Alagoinhas-BA, v. 3, p. 75-98, outubro 2015. ISSN ISSN 2318-7085.

TAVARES, Sônia Prates Adonski. **A evolução da mulher no contexto social e sua inserção no mundo do trabalho**. Ijuí-RS, 2012. Disponível em <<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/2831/MONOGRAFIA%20-%20SONIA%20TAVARES%20-%20UNIJUI%20-%20EVOLU%C3%87%C3%83O%20DA%20MULHER%20-%202012.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 18 de agosto de 2018.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. 1 ed. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

WOOLF, Virginia. **Profissão para mulheres e outros artigos**. Porto Alegre: L&PM 2013.

ANEXO

ENTREVISTA COM CONCEIÇÃO EVARISTO Realizada dia 18/07/07 em Belo Horizonte

1 – Sei que o conceito de Literatura Afro-brasileira ainda é difícil de se fechar. Muito temos discutido sobre o assunto, mas, para você, em poucas palavras, em que consiste essa literatura?

Para mim a literatura afro-brasileira é uma produção literária nascida da experiência de vida do sujeito negro na sociedade brasileira. Refiro-me agora às palavras de Eduardo de Assis Duarte e de Cuti quando dizem que essa experiência negra se apresenta no texto de maneira consciente ou inconsciente. Ou seja, se o sujeito se resguarda no tempo com essa experiência negra, o ato de ele se resguardar é um indicativo. Eu não abro mão de pensar que essa literatura afro-brasileira tem a ver com a experiência do negro brasileiro.

2 - É conhecida sua frase "não nasci rodeada de livros, mas de palavras". Comente como essa sua vivência com as palavras influencia sua literatura.

Essa minha experiência com as palavras me acumulou de histórias. Certamente ela me ajudou a trabalhar minha sensibilidade diante das narrativas. Isso me provocou um certo encantamento, uma certa curiosidade em querer ouvir mais. Hoje tenho consciência de que quando ouço tais narrativas de familiares ou amigos, já preparo meu ouvido para o que poderei aproveitar dali, antes era inconsciente. Meu texto não é somente intuitivo, eu o trabalho, escolho as palavras, leio-o em voz alta, choro com o texto. Essa experimentação me trouxe o encantamento pelos sons das palavras. Gosto de ficar testando-as. É nesse sentido que afirmo não ser intuitivo. Se é intuição, há um trabalho com ela. Eu costumo ficar meses com o texto na cabeça, experimentando-o.

3 – A escolha dos nomes dos personagens são exemplos dessa intuição?

Sim, eu não sei por exemplo, de onde veio o nome Ponciá. O nome Nêngua foi intuitivo, sonoro. Só depois de muito tempo, descobri que o significado se encaixava, como está escrito no dicionário de Nei Lopes. Gosto também de inventar nomes. Fico procurando aqueles que me lembram a sonoridade das línguas africanas, como Ponciá, Nêngua e Luandi. O prazer que o som da palavra me dá, me ajuda na escolha dos nomes.

4 – E os personagens masculinos? Alguns não têm nome como o pai e o marido de Ponciá...

Me preocupou muito também porque não dei nome para esses dois, e coincidentemente são personagens masculinos. Não quis dar invisibilidade a eles... E existem no romance os personagens Luandi, Soldado Nestor, Negro Climério... Quanto a este último nome, gosto da sonoridade, assim como gosto de Alírio, personagem de Becos da Memória. Já o nome Davenga, personagem do conto “Ana Davenga”, surgiu assim: eu estava em algum lugar quando alguém contou de um Davenga que dançava jongo. Achei na hora o nome bonito. Agora, em Ponciá Vicêncio, fui ao dicionário banto para escolher palavras como “angorô”. Eu sabia que as pessoas associariam o arco-íris ao mito de Oxumaré, mas quis valorizar a cultura banto.

5 - O que personagens como Nêngua Kainda e Vô Vicêncio representaram na criação do romance, já que elas estão tão ligadas à memória coletiva?

Algumas vezes crio primeiro os personagens e depois o enredo do romance. Não me lembro se foi assim com Ponciá Vicêncio, porque o escrevi há muito tempo. Quando criei a personagem Nêngua, achei-a parecida com o personagem velho e sábio que dá nome ao romance Jubiabá, de Jorge Amado. Se foi uma influência, não sei. Lembro pouco do personagem mas sua imagem de conselheiro ficou na minha memória. Quando escrevi “Ana Davenga”, a primeira imagem que me veio na cabeça foi a de “Meu guri”, de Chico Buarque. Com isso quero dizer que há interferências, intertextos. Isso pra explicar que eu realmente não sabia o significado de Nêngua, mas pode ter havido certa influência intuitivamente, inconscientemente. A escrita tem muito disso. Às vezes me dá uma certa insatisfação por ser Vô

Vicêncio. Eu acho que eu queria que fosse uma avó. Depois que reli o texto fiquei pensando: porque eu não coloquei uma mulher? Também outro aspecto que chama a atenção no romance é que a esperança e a resolução do enredo vêm através de Luandi, pela sua retomada de consciência.

6 - Em Ponciá Vicêncio, a questão da arte é fundamental para a estrutura do romance. Como você vê o trabalho do barro feito por sua protagonista?

O barro pra Ponciá é a arte. E eu acho que a arte é uma forma de escapatória. Como foi para Bispo do Rosário. A arte te dá a possibilidade de viver no meio de tudo sem enlouquecer de vez. Ela permite suportar o mundo. O ser humano tem essa necessidade. O que mantinha Ponciá viva e o que possibilitou o reencontro com sua família foi o barro. No final, quando ela anda em círculos é como se estivesse trabalhando uma massa imaginária. Ela cuida das ausências porque estas se percebem e se transferem para o corpo, como com Vô Vicêncio, com o braço cotó. A ausência de sua mão é que o faz reconhecido, percebido. Eu trabalhei bastante o texto final do livro. Eu queria falar da própria arte da literatura. Quando construo o texto e trabalho as palavras, é como Ponciá trabalha o barro. Aquele cuidado dela é como o que a escritora tem com a feitura do texto. No final, são passado e presente se juntando. Há um trecho que ilustra isso [a escritora abre o livro e lê em voz alta]: “com o zelo da arte, atentava para as porções das sobras, a massa excedente, assim como buscava ainda significar as mutilações e as ausências que também conformam um corpo. Suas mãos seguiam reinventando sempre e sempre. E quando quase interrompia o manuseio da arte, era como se perseguisse o manuseio da vida, buscando fundir tudo num ato só, igualando as faces da moeda (PV, 131)”. Essa arte é a escrevivência.

7 – E sobre o orixá Nanã e sua relação com o barro no romance? Quanto ao mito de Nanã, eu não me lembrei dele quando escrevi o romance. Eu sabia do mito de Oxumaré, embora não tenha me vindo à cabeça quando escrevi o livro. O arco-íris veio de minhas lembranças de menina.

8 – Sobre o final do romance, há algumas interpretações que o consideram triste, com a protagonista terminando louca. O que você acha?

Acho que no final Ponciá se apazigua, porque, se viver a loucura até as últimas consequências é uma forma de apaziguamento, ela se apazigua. Em seu momento de ausência, no olhar vazio, ela via muito mais do que outras pessoas. Mas há muitas interpretações, como a morte de Ponciá, um afogamento... Já me pediram que escrevesse outro romance a partir do final deste, mas acho que nunca será Ponciá novamente. Admito que há uma tristeza que persegue a personagem e acredito que essa tristeza é a própria solidão do ser humano.

9 - Sabemos que seus dois romances demoraram a chegar ao público. Como é seu tempo de elaboração da escrita?

Eu demoro a escrever. Não acho que preciso correr. Tenho dificuldade para cumprir os prazos [risos], meu tempo é outro. Mas essa demora ocorre primeiro, porque tem a questão da insegurança: “será que esse texto está bom mesmo? Será que já posso mostrá-lo?”. Aí se junta a dificuldade de publicar um livro também. Ponciá só foi publicado porque a professora Maria José Somerlate, depois de tomar conhecimento do livro, insistiu que eu o publicasse, mas apesar da vontade, eu tinha inibição. Então Maria José me apresentou a Mazza, que publicou o livro através de sua editora.

10 - Na Literatura Afro-brasileira são comuns as apropriações e as paródias. Como é o caso de Oliveira Silveira e a "Outra Nega Fulô", também "Licença, meu branco", de Márcio Barbosa, que parodia Manuel Bandeira. Esses são exemplos de poemas, mas, no seu caso, podemos considerar Ponciá Vicêncio uma apropriação do gênero "romance de formação"?

Olha, quando li seu texto e o de Eduardo percebi que a trajetória de Ponciá Vicêncio não é uma trajetória do herói clássico, parece que ela chega ao final sem nada. E Luandi joga fora aquela vitória, aquela farda e vai começar por outro caminho, que não seria o chamado “vitorioso”. Em Becos da Memória, temos Vó Rita, que também não tinha bens materiais, e sua trajetória no final ganha outros contornos. Zilá Bernd, por exemplo afirma que Zumbi representa esse grande herói porque, além de ser um escravo, ele era um escravo fugido. Em Salvador, nas comemorações dos 300 anos de Zumbi, foi declamada uma frase que ficou entre nós: “estamos comemorando 300

anos da imortalidade de Zumbi”. Fiquei pensando nessa trajetória de heróis que a gente conhece e fiquei pensando nesse Zumbi cuja vitória nós ali ainda comemorávamos 300 anos depois. Sua heroicidade vem da resistência e persistência. Por isso foi um herói negro, embora hoje seja considerado um herói nacional. Quando Solano Trindade canta que sua voz é a voz de Zumbi, ele se sente seu herdeiro. Então, a heroicidade de Zumbi não se completa nele, ela se faz ao longo dos anos na própria coletividade que ele representa. Daí fico pensando: será que os textos Ponciá Vicêncio e Becos da Memória não apontariam uma forma diferente de desenrolar a história? O que indica que Ponciá perdeu? Será que encontrar sua ancestralidade é uma perda? Será que Vó Rita continuando todo trabalho dela, saiu sem nada? A narradora de Becos tem a certeza, desde o início, que um dia escreveria aquela história. Essa forma de escrever ou reescrever apresenta sim uma paródia, mas não explícita. Uma vez ouvi Marina Colasanti lendo um conto seu lindíssimo que se chama “Menina de vermelho a caminho da lua”. Quando ela acabou a leitura, alguma coisa me incomodou. Em conversas com Miriam Alves, tentava descobrir o que era, pensei que se fosse uma de nós escrevendo aquela história, seria diferente. Porque a personagem que faz uma prostituta era culpada e algoz ao mesmo tempo, não é uma prostituta Bilisa. Então se nós tivéssemos escrito “Menina de vermelho a caminho da lua”, seria de outra forma, talvez aí esteja a paródia.